



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**BEATRIZ DALDOSSO FELIPPE**

**A POLISSEMIA DE “COXINHA” NO PORTUGUÊS PAULISTA:  
uma abordagem segundo a Gramática das Construções Cognitiva**

**GUARULHOS – SP**

**2019**

**BEATRIZ DALDOSSO FELIPPE**

**A POLISSEMIA DE “COXINHA” NO PORTUGUÊS PAULISTA:  
uma abordagem segundo a Gramática das Construções Cognitiva**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado, área de Estudos Linguísticos: Linguagem e Cognição.

Orientador: Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza

**GUARULHOS – SP**

**2019**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Felippe, Beatriz Daldosso

A polissemia de “coxinha” no português paulista: uma abordagem segundo a gramática das construções cognitiva / Beatriz Daldosso Felipe. - Guarulhos, 2019.

74 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza

Título em inglês: The polysemy of “coxinha” in Paulista Portuguese: an approach according to cognitive construction grammar.

1. Polissemia. 2. Metáfora. 3. Metonímia. 4. Subjetivização. 5. Linguística Cognitiva.

**BEATRIZ DALDOSSO FELIPPE**

**A POLISSEMIA DE "COXINHA" NO PORTUGUÊS PAULISTA: UMA  
ABORDAGEM SEGUNDO A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES COGNITIVA**

Trabalho de conclusão de Dissertação  
apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal de São  
Paulo como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em Letras.

Aprovação: 20 / 3 / 2019



Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Janderson Lemos de Souza  
Universidade Federal de São Paulo



Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Maria Lucia Leitão de Almeida



Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Anderson Salvaterra Magalhães  
Universidade Federal de São Paulo

Dedico esta dissertação aos meus amados pais, Alexandre Daldosso e Maria Thereza Catelli Daldosso, e aos meus meninos, Mauro, Pedro e Paulo Daldosso Felipe.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza, por todo o conhecimento compartilhado, a competência na condução deste trabalho e a aceitação do grande desafio que é sempre inerente a qualquer pesquisa.

Ao meu grande amigo, Robson Rodrigues, por todo apoio e estímulo.

Às novas amizades: Adriana, Letícia, Mariana e Patrícia, por todas as conversas e materiais de estudo divididos.

À Aparecida Dus, pela finalização e pelas contribuições preciosas.

*“If we understand reason as being disembodied, then our bodies are incidental to what we are. If we understand reason as mechanical... then we will devalue human intelligence as computers get more efficient. If we understand rationality as the capacity to mirror the world external to human beings, then we will devalue those aspects of mind that can do infinitely more than that. If we understand reason as merely literal, we will devalue art.”*

*George Lakoff*

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivos descrever e explicar a polissemia da palavra “coxinha” no português paulista, em particular, e no português brasileiro, em geral. Sob o viés da Linguística Cognitiva, a abordagem se formula segundo a Gramática das Construções Cognitivas, modelo que enfatiza o desenvolvimento de significados novos a partir de significados estabelecidos em relação a uma construção gramatical. O que a dissertação emprega da teoria é a concepção do significado como enciclopédico, perspectivista, flexível e baseado no uso. O que emprega do modelo é a concepção de polissemia como categorização radial de significados motivados por padrões metafóricos e metonímicos.

Assim, a palavra “coxinha” é a construção gramatical que esta dissertação toma por objeto, sem adentrar nas construções gramaticais de que faz parte, ou seja, nos dedicamos aqui (i) à descrição dos significados que a construção exibe e (ii) à explicação de sua polissemia por meio de dois processos cognitivos: a metáfora e a metonímia. A busca desses objetivos revelou a insuficiência dos processos cognitivos para explicar o juízo de valor em dois significados novos, presentes no português paulista: o correspondente ao policial e o correspondente a um perfil de eleitor. Para explicá-los, recorremos ao conceito de subjetivização, desenvolvido pela Linguística Funcional e absorvido pela Linguística Cognitiva, e concluímos que essa manifestação do ponto de vista constitui a polissemia sistemática dos substantivos no diminutivo e as nomeações que consideramos metonímicas.

A formação dos significados é apresentada de forma diacrônica: (i) o primeiro significado da palavra “coxinha”, considerado como rotinizado no português brasileiro, é o nome de um salgado, e tal nomeação é atribuída à metáfora; (ii) o segundo significado, considerado como novo e de origem paulista, é uma alcunha para o funcionário público, em geral, e o policial militar, em particular, do Estado de São Paulo, e tal nomeação é atribuída à metonímia associada à subjetivização; e (iii) o terceiro significado, também considerado como novo e de origem paulista, remete à posição político-partidária de direita segundo o senso comum e é igualmente atribuído à metonímia e à subjetivização.

Na abordagem aqui desenvolvida, a metáfora e a metonímia se mantêm como processos cognitivos responsáveis pela conceptualização, fenômeno central na Linguística Cognitiva, que o define como dinâmico e imagístico, enquanto a subjetivização se situa na esfera do ponto de vista. Sendo o significado definido como perspectivista e enciclopédico, se faz necessária a distinção entre conceptualização, com base em processos cognitivos, e subjetivização, como manifestação do ponto de vista.



Em busca de dados da língua em uso, escolhemos como fonte o jornal *O Estado de São Paulo*. Embora o trabalho não se incline ao estudo da frequência de uso, a palavra foi encontrada em diversos editoriais do periódico, o que levou à divisão das ocorrências da palavra “coxinha” em períodos, que, na formação do *corpus*, foram divididos em três: (i) de 1894 a 1999, para a análise de “coxinha” como nome de salgado; (ii) de 2000 a 2012, para a análise de “coxinha” como alcunha do policial; e (iii) de 2013 a 2018, para a análise de “coxinha” como um perfil de eleitor. A divisão não implica que o significado relativo ao salgado não ocorra além do primeiro período, tampouco que o significado relativo ao policial não ocorra além do segundo.

A hipótese de trabalho é que a perspectivização, espécie da qual a subjetivização é um tipo, tem papel preponderante no desenvolvimento dos significados mais recentes, dado que a subjetivização atua tanto na polissemia sistemática relativa ao processo de formação da palavra “coxinha” quanto associada à metonímia. Assim, o trabalho acrescenta ao reconhecimento do papel da metáfora e da metonímia um caso em que, sem a perspectivização, os processos cognitivos não bastam para explicar o juízo de valor. Com isso, a dissertação articula o caráter situado e o caráter distribuído da cognição, conforme defendido pela Linguística Cognitiva e pela Sociolinguística Cognitiva.

Palavras-chave: Polissemia. Metáfora. Metonímia. Subjetivização. Linguística Cognitiva.

## ABSTRACT

This dissertation describes and explains the polysemy of the word "coxinha" in Paulista Portuguese, in specific, and in Brazilian Portuguese, in general. Within the framework of Cognitive Linguistics, the approach is formulated according to Cognitive Construction Grammar, a model which emphasizes the development of new meanings out of conventional meanings associated to a grammatical construction. What the dissertation uses from the theory is the conception of meaning as encyclopedic, viewpointed, flexible, and usage-based. What it uses from the model is the conception of polysemy as a radial categorization of meanings motivated by metaphoric and metonymic patterns.

Therefore, the word "coxinha" is the grammatical construction that this dissertation takes for its object, which does not include the grammatical constructions of which this is part. Therefore, we address (i) the description of the meanings that the construction shows and (ii) the explanation of its polysemy by means of two cognitive processes: metaphor and metonymy. The pursuit of such aims revealed the insufficiency of the cognitive processes to explain the value of judgement in two new meanings, present in Paulista Portuguese: the one related to the police officer and the one related to a voter profile. In order to explain both of them, we have to appeal to the concept of subjectification, developed by Functional Linguistics and absorbed by Cognitive Linguistics, and we conclude that the subjectification contributes to the systematic polysemy of nouns in the diminutive and participates in the designations we take for metonymic.

The construction of the meanings is investigated diachronically: (i) the first meaning of the word "coxinha", entrenched in Brazilian Portuguese, is the name of a snack, and such designation is attributed to metaphor; (ii) the second meaning, new and originated in São Paulo, is a nickname for the civil servant, in general, and the military police officer, in particular, of São Paulo state, and such designation is attributed to metonymy associated with subjectification; and (iii) the third meaning, also new and originated in São Paulo, refers to right-wing voters according to a folk theory of politics, is also attributed to metonymy and subjectification.

In this dissertation, metaphor and metonymy remain as cognitive processes responsible for conceptualization, a central phenomenon in Cognitive Linguistics, which defines it as dynamic and imagistic, while subjectification is situated in the realm of viewpoint. Since meaning is defined as viewpointed, encyclopedic, flexible and usage-based,

it becomes necessary to distinguish between conceptualization based on cognitive processes and subjectification as a manifestation of viewpoint.

Following the usage-based path, we chose the newspaper O Estado de São Paulo as a source of data. Although we do not include usage frequency in our aims, the word was found in several editorials, which led us to divide the tokens of the word in three groups for the formation of a corpus: (i) from 1894 to 1999, for the analysis of "coxinha" as a snack name; (ii) from 2000 to 2012, for the analysis of "coxinha" as the nickname of the police officer; and (iii) from 2013 to 2018, for the analysis of "coxinha" as a voter profile. The division does not imply that the meaning relative to the snack does not occur beyond the first period, or that the meaning relative to the police officer does not occur beyond the second.

Our thesis is that perspectivization, a species of which subjectification is a specimen, plays a preponderant role in the development of the latest meanings, given that subjectification is both part of the systematic polysemy relative to the word-formation process and associates with metonymy. Thus, this dissertation contributes to the recognition of the role of metaphor and metonymy with a case study where, without perspectivization, cognitive processes are not enough to explain the value of judgement. By doing so, this dissertation articulates the situated and the distributed characters of cognition, as defended by Cognitive Linguistics and Cognitive Sociolinguistics.

Key words: Polysemy. Metaphor. Metonymy. Subjectification. Cognitive Linguistics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Polissemia sistemática dos substantivos formados por grau.....	25
Figura 2: Janela inicial do acervo do Estadão. ....	34
Figura 3: Coxa humana. ....	45
Figura 4: Coxa do animal. ....	45
Figura 5: "Coxa" como parte separada e crua. ....	47
Figura 6: "Coxa" como parte separada e frita.....	47
Figura 7: “Coxinha” como parte do animal no estado frito nomeada por mudança de estado...	50
Figura 8: “Coxinha” como salgado nomeado por metáfora de imagem.....	50
Figura 9: Metáfora estrutural e metáfora de imagem. ....	50

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Siglas para os tipos de ocorrências da palavra "coxinha" .....	36
Tabela 2: Ocorrências de “coxinha” no primeiro período .....	37
Tabela 3: Ocorrências de “coxinha” no segundo período .....	38
Tabela 4: Ocorrências de "coxinha" no terceiro período.....	39
Tabela 5: Quantificação das ocorrências relevantes.....	40

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências no primeiro período .....	37
Gráfico 2: Distribuição das ocorrências no segundo período.....	38
Gráfico 3: Distribuição das ocorrências da palavra “coxinha” no terceiro período .....	39

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 LINGÜÍSTICA COGNITIVA E GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES COGNITIVA ..</b>	<b>19</b>
2.1 Polissemia e princípios de domínio geral .....	19
2.2 Polissemia sistemática dos substantivos em grau .....	22
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>32</b>
3.1 A fonte e o <i>corpus</i> .....	33
3.2 Coleta de dados .....	34
3.3 Os significados de “coxinha” .....	35
3.4 Organização dos dados: computação e delimitação .....	35
3.4.1 Primeiro período de ocorrências: 1894 a 1999 .....	36
3.4.2 Segundo período de ocorrências: 2000 a 2012 .....	37
3.4.3 Terceiro período de ocorrências: 2013 a 2018 .....	39
3.4.4 Total de ocorrências relevantes para a pesquisa .....	40
<b>4 NOMEAÇÃO METAFÓRICA E MUDANÇA DE ESTADO .....</b>	<b>41</b>
4.1 Da coxa humana à coxa do animal .....	44
4.2 Da coxa crua à frita .....	46
4.3 Da coxa frita à iguaria .....	48
<b>5 NOMEAÇÃO METONÍMICA E SUBJETIVIZAÇÃO .....</b>	<b>52</b>
5.1 Do salgado ao policial .....	53
5.2 Do policial ao eleitor .....	55
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso trabalho explicando a escolha do título desta dissertação de mestrado. Uma vez que a Linguística Cognitiva é uma teoria que comporta diversos modelos, consideramos necessário especificar que este é um trabalho dedicado a descrever a polissemia da palavra “coxinha” com base em apenas um modelo: a Gramática das Construções Cognitiva.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), existem seis modelos de Gramática das Construções: *Berkeley Construction Grammar*, representado por Charles Fillmore; *Radical Construction Grammar*, representado por William Croft; *Sign-Based Construction Grammar*, representado por Hans Boas; ***Cognitive Construction Grammar***, representado por George Lakoff e Adele Goldberg; *Cognitive Grammar*, representado por Ronald Langacker; e *Constructionalization Grammar*, defendido pelos autores, num gesto de revisão das insuficiências de cada modelo ao ver deles. O consenso entre os existentes modelos é que a construção gramatical é a unidade da gramática, e não regras.

A partir da definição, comum aos seis modelos, de construção gramatical como pareamento FORMA-SIGNIFICADO, cada modelo especifica o que entende por forma e o que entende por significado, e a Gramática das Construções Cognitiva enfoca o desenvolvimento de novos significados para uma construção gramatical formada, enquanto, por exemplo, a Gramática Cognitiva enfatiza a formação de novas construções gramaticais por meio da instanciação de esquemas. A adesão à Gramática das Construções Cognitiva nesta dissertação se deve, portanto, ao interesse no desenvolvimento de novos significados para uma palavra estabelecida, e não na formação da palavra, embora, como pretendemos esclarecer na próxima seção, o foco na polissemia conduza a uma concepção de formação de palavras.

No modelo adotado, “(...) polysemy appears to be a special case of prototype-based categorization, where the senses of the word are the members of a category” (LAKOFF, 1987, p. 378). Por isso mesmo, “Grammatical constructions form radially structured categories” (idem). Portanto, as construções gramaticais formam categorias radiais como consequência de os significados que constituem as construções gramaticais serem organizados em categorias radiais pelo processo concebido como polissemia. Em cada par FORMA-SIGNIFICADO, é a categorização do significado que determina a categorização da forma associada, não o inverso.



Os processos cognitivos, a que o modelo adotado atribui a formação de novos significados, são a metáfora e a metonímia. Assim, o objeto desta dissertação é a polissemia da construção gramatical “coxinha” e os objetivos são a identificação da metáfora (capítulo 4) e a identificação da metonímia (capítulo 5) na formação de significados novos, os quais localizamos numa variedade, o português paulista, a partir de significados que consideramos rotinizados no âmbito da língua, o português brasileiro, o que exige o aporte da Sociolinguística Cognitiva (SOARES DA SILVA, 2009), ramificação da Linguística Cognitiva que se dedica a discutir exatamente a articulação lectal, os limites entre língua e variedade.

A tese central desta dissertação é que os processos cognitivos, metáfora e metonímia, não bastam para explicar a formação de significados caracterizados pelo juízo de valor, razão pela qual o atribuímos ao ponto de vista, que a Linguística Cognitiva assume como constitutivo da conceptualização:

(...) o significado é *perspectivista* (não reflecte objectivamente o mundo, mas modela-o, constrói-o de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de muitas perspectivas diferentes), *enciclopédico* (intimamente associado ao conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não autónomo nem separado de outras capacidades cognitivas), *flexível* (dinâmico e adaptável às mudanças inevitáveis do nosso mundo e das nossas circunstâncias) e *baseado na experiência e no uso* (na nossa experiência individual corpórea ou biológica e na nossa experiência colectiva, social e cultural e, sempre, na experiência do uso actual da língua). (SOARES DA SILVA, 2006, p. 7)

Na Gramática Cognitiva, usa-se o termo “perspectiva”, e o conceito é central, mas não associado à polissemia, e sim ao *construal*, e rejeita-se o conceito de *frame* (Fillmore, 1977a, 1982). Na Gramática das Construções Cognitiva, usa-se o termo “ponto de vista”, e acolhe-se o conceito de *frame*, formulado a partir do conceito de *perspectiva* por Fillmore (1977a), embora, como veremos adiante, seja o conceito de *frame* revisto por Fillmore (1982) o que inspira o conceito de **modelo cognitivo idealizado** (MCI) em Lakoff (1987), e o termo empregado é “teoria/modelo popular” (*folk theory/model*).

We not only have folk models of categorization, we even have folk models of reference. (...) We have both folk and expert theories of medicine, politics, economics, etc. Each theory, whether folk or expert, involves some idealized cognitive model, with a corresponding vocabulary. (p. 121)

Embora o conceito de MCI seja muito utilizado em investigações baseadas na Linguística Cognitiva, atenta-se menos à sua articulação com a teoria popular e mais à sua constituição por correspondências metafóricas e correspondências metonímicas (cf. Lakoff,

1987, cap. 4). Nesta dissertação, a articulação com a teoria popular importa pela remissão ao caráter distribuído da cognição enquanto a participação dos processos cognitivos importa pela caracterização da polissemia de “coxinha” como consistente de quatro MCI, com correspondências metafóricas em dois e correspondências metonímicas em outros dois.

Aqui, convém estabelecer que manteremos de Soares de Silva (2006) a concepção do significado como “perspectivista” mas acompanharemos Lakoff (1987) no uso de “ponto de vista”, ressalvado que, enquanto “perspectiva” tem, em Fillmore (1977a) e na Gramática Cognitiva, o *status* de conceito, e enquanto “ponto de vista” tem, na Gramática das Construções Cognitiva, o *status* de expressão da linguagem ordinária.

Como procedimentos metodológicos (capítulo 3), selecionamos um *corpus* a partir do acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo* e constatamos que a primeira ocorrência jornalística da palavra “coxinha” é datada do século XIX. Partimos, então, de significados rotinizados na língua (PARTE DO CORPO HUMANO, PARTE DO CORPO ANIMAL e SALGADO) para descrever e explicar significados recentes numa variedade (POLICIAL e ELEITOR DE DIREITA). A origem do jornal escolhido aponta para a dimensão lectal do fenômeno, enquanto o caráter difusor do jornal escolhido aponta para a dimensão linguística, numa articulação que, por si só, poderia ser objeto de estudo. Afinal, *O Estado de São Paulo* publica 120 mil exemplares, em média<sup>1</sup>, afora o alcance da versão disponível na internet.

Uma evidência sociolinguística de que o conhecimento da palavra “coxinha” como nome de salgado é menos lectal que o conhecimento da mesma palavra como alcunha do policial militar ou de um perfil de eleitor é que o uso da palavra pelo jornal, com tais significados, é acompanhado de explicação. Medir o alcance dos significados por meio de rótulos estritamente regionais, como paulistano ou paulista, por sua vez, é precário, já que sabidamente o fenômeno linguístico não coincide exatamente com o fenômeno geográfico, o que exige cautela quanto ao mapeamento de variação mesmo que estritamente quanto à variável geográfica.

A língua portuguesa paulista tem sido alvo temático específico do Projeto História do Português Paulista desde 2006, quando o Professor Ataliba Teixeira de Castilho, seu coordenador geral, conseguiu constituir uma equipe grande unindo pesquisadores vinculados a universidades paulistas em torno de um só objetivo: constituir a história da língua portuguesa numa abordagem científica.

Essa há muito tempo era uma lacuna em todas as instâncias em que se falava de história da língua portuguesa. A forma de burlar essa lacuna de

<sup>1</sup> Dados recolhidos em [www.publicidade.estadao.com.br](http://www.publicidade.estadao.com.br), acesso em 22/10/2018.

modo pedagógico acabava sendo a de estender as descrições empreendidas pelos gramáticos históricos a todas as variedades linguísticas ou, ainda, estender o que se descobrira sobre momentos históricos de outros espaços geográficos brasileiros a essa variedade paulista. (SANTIAGO-ALMEIDA; LIMA-HERNANDES, 2012, p. 9)

A abordagem ao português paulista nos projetos Para a História do Português Paulista (PHPP) e Para a História do Português Brasileiro (PHPB) tem se pautado na Teoria da Variação e da Mudança, que guarda com a Linguística Cognitiva, em geral, e com a Gramática das Construções Cognitiva, em particular, a afinidade de implementar o modelo radial de categorização, compromisso mantido pela Sociolinguística Cognitiva, a qual assume como objetivos “(...) (i) exploração da variação intralinguística ou interlinguística de origem social, (ii) fundamentação no enquadramento teórico da Linguística Cognitiva e (iii) implementação de métodos empíricos sólidos (...)” (SOARES DA SILVA, 2009, p. 192). A exploração aqui proposta é intralinguística, entre o português brasileiro e o português paulista, e a fundamentação se distribui entre a teoria, um de seus modelos e uma de suas ramificações.

Para isso, partimos da caracterização dos significados mais rotinizados para os significados menos rotinizados e identificamos o papel dos processos cognitivos e do ponto de vista no desenvolvimento da polissemia da palavra “coxinha”. A delimitação do objeto exige distinguir entre a construção gramatical “coxinha” e as construções gramaticais de que essa faz parte (ex.: *vale-coxinha*, *ticket-coxinha*), distinção que envolve a relação entre nomeação e predicação.

Na apresentação dos dados recolhidos, encontramos “coxinha” nomeando e predicando, fenômeno que pode ser descrito como flutuação (BASILIO, 1995) ou conversão (BASILIO, 2011), mas foge aos limites deste trabalho. Com foco na nomeação, pretendemos descrever a polissemia de “coxinha” como categorização radial destes significados: (i) uma parte do corpo humano vs. uma parte do corpo animal; (ii) uma parte do corpo animal vs. uma iguaria<sup>2</sup> (nomeação que licencia a predicação pelo sintagma preposicional “de galinha/frango”, por sua vez, polissêmico na medida em que pode significar tanto parte quanto matéria); (iii) uma iguaria vs. policial militar do Estado de São Paulo; e (iv) policial militar do Estado de São Paulo vs. um perfil de eleitor paulista/brasileiro.

---

<sup>2</sup> Optamos pela referência à coxinha como comida por “iguaria” para capturar todas as formas em que a comida se apresenta historicamente, como ficará mais claro no capítulo 3. A referência por “salgado” é adequada apenas à forma atual com que a iguaria se apresenta. Entenda-se, portanto, iguaria como “Qualquer comida preparada”, e não como “Comida fina, delicada e/ou apetitosa” (FERREIRA, 1986, p. 916).

## 2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES COGNITIVA

Nosso objeto de estudo é a palavra “coxinha” como construção gramatical polissêmica. Soares da Silva (2006, cap. 8), ao demonstrar que a polissemia não se limita ao âmbito lexical, apresenta o diminutivo como exemplo de polissemia na morfologia e o verbo “deixar” como exemplo de polissemia no léxico. Neste capítulo, partimos desse tratamento da polissemia com base na Linguística Cognitiva, não para acompanhar a separação entre morfologia e léxico, mas para explorar o fato de que o contraste formulado pelo autor não se dá entre duas formas, como “coxinha” (polissemia na morfologia) e “coxa” (polissemia no léxico), e sim entre um processo de formação de palavras, o diminutivo, e uma forma, o verbo “deixar”, o que nos leva a distinguir, não entre morfologia e léxico, mas entre a polissemia de palavras com complexidade estrutural e a polissemia de palavras sem complexidade estrutural. Nessa exploração, estendemos ao diminutivo o conceito de **polissemia sistemática** tal como formulado por Basilio (2004) para o tratamento da nominalização de verbos também com base na Linguística Cognitiva.

### 2.1 Polissemia e princípios de domínio geral

A presença ou ausência de complexidade interna é central para as teorias morfológicas e conduz à discussão sobre a relação entre a morfologia, como interna à gramática, e o léxico, como externo à gramática. No Estruturalismo europeu, a distinção entre motivação e arbitrariedade permitiria caracterizar “coxa” como um signo absolutamente arbitrário e “coxinha” como um signo relativamente arbitrário. “O mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra simples *pêra* e cujo sufixo –eira faz pensar em *cerejeira*, *macieira* etc.; nada de semelhante ocorre com *freixo*, *eucalipto* etc.” (SAUSSURE, 2000 [1916], p. 152) nem com “coxa” pela ausência de complexidade interna, do ponto de vista formal, ou de composicionalidade, do ponto de vista semântico.

Apesar de reconhecermos que a marca de diminutivo em “coxinha” lhe confere *status* diferente do de “coxa”, não acompanhamos Soares da Silva (2006) na alocação de um tipo de forma na morfologia e de outro tipo de forma no léxico, já que palavras complexas e palavras simples podem ser alocadas no léxico. Em outras palavras, “deixar”, “coxa” e “coxinha” podem ser considerados itens lexicais, mas somente “coxinha” pode ser considerado um item lexical morfológicamente complexo. No entanto, aproveitamos do autor o *insight* para identificar dois níveis de manifestação da polissemia: o dos processos de

formação de palavras e o das palavras que resultam de tais processos. Para tanto, voltemos à Gramática das Construções Cognitiva.

Lakoff (1987) trata de escolhas lexicais como um fenômeno motivado por processos cognitivos. O autor atribui a escolha do verbo “go” ou do verbo “come” em inglês a um princípio de escolha lexical motivado pelo concurso da dêixis, responsável pela combinação de um ou outro verbo com “there” ou “here”, e do movimento como experiência básica, seja com significado experiencial, seja com significado motivado pela metáfora ATIVIDADE É MOVIMENTO.

Não há menção à estrutura interna dos itens lexicais nem uma definição de léxico, e sim à relação entre motivação e arbitrariedade, razão por que recuperamos tal relação no Estruturalismo europeu acima. Novamente, é preciso distinguir entre fundamentos da teoria e especificidades de cada modelo. A Linguística Cognitiva adota princípios de domínio geral, responsáveis pelo caráter enciclopédico do significado, como na citação de Soares da Silva (2006) no capítulo anterior. Cada modelo, por sua vez, indica e nomeia os princípios de domínio geral válidos para si. Dada a centralidade da polissemia na Gramática das Construções Cognitiva e a caracterização da polissemia como resultado da categorização radial, os princípios de domínio geral neste modelo são os que organizam a categorização radial<sup>3</sup>: centralidade, encadeamento, domínios experienciais, modelos idealizados, conhecimento específico, o outro, ausência de propriedades comuns e **motivação**.

There is a big difference between giving principles that *motivate*, or *make sense of*, a system, and giving principles that *generate*, or *predict*, the system. (p. 96)

Thus, the traditional generative view that everything must be either predictable or arbitrary is inadequate here. There is a third choice: motivation. (p. 107)

Segundo o princípio *ausência de propriedades comuns*, não se deve esperar um significado linguístico, metafísico, que una os significados de “coxinha”. Segundo o princípio *motivação*, o foco se desloca da palavra “coxinha” como forma a alocar na morfologia ou no

---

<sup>3</sup> Os princípios de domínio específico neste modelo se encontram em Goldberg (1995, p. 67-68): **Princípio da Motivação Maximizada**, **Princípio da Não Sinonímia**, **Princípio do Poder Expressivo Maximizado** e **Princípio da Economia Maximizada**. Nesta dissertação, enfatizamos os princípios de domínio geral, sem desconhecer que a polissemia de qualquer construção gramatical resulta do concurso dos princípios de domínio geral e dos princípios de domínio específico. O Princípio da Economia Maximizada, por exemplo, prioriza a formação de novos significados para “coxinha” em vez da formação de uma construção gramatical que nomeie o policial e de outra que nomeie o eleitor, no que a categorização, em geral, e a polissemia, em particular, atuam como fator de economia cognitiva.

léxico ou a caracterizar como absoluta ou relativamente arbitrária para a palavra “cozinha” como construção cuja polissemia é motivada não somente por processos cognitivos, mas também pelo ponto de vista, inerente à conceptualização.

Com isso, estamos indo na direção oposta à de uma tendência recente a reconhecer inspirações saussurianas na Linguística Cognitiva, como a afinidade entre a definição de signo e a de construção gramatical (cf. MARQUES; ALONSO; PINHEIRO, 2017), exatamente porque as concepções de língua nos parecem incompatíveis:

(...) the *usage-based nature of language* implies that language is inherently dynamic. In a usage-based model, the linguistic system (Saussurean “langue”) and linguistic usage (Saussurean “parole”) entertain a dialectic relationship. On the one hand, the existing regularities in the linguistic behaviour of the speech community guide the way individual members use their language: communicative efficiency requires that they make use of the existing means of communication. On the other hand, linguistic users adapt the existing means to their communicative needs, and may so cumulatively achieve a change in the conventional regularities. Language, in other words, is inherently historical, because the conditions for its replications – language usage – embody the causes of its possible transformation. (GEERAERTS, 2011, p. 333-334)

Os caracteres *perspectivista, enciclopédico, flexível e baseado na experiência e no uso*, apontados por Soares da Silva (2006), conforme citado no capítulo anterior, nos parecerem indissociáveis da historicidade do ponto de vista, do conhecimento do mundo, da experiência e do uso. O que Geeraerts (2011) identifica como “the way individual members use their language” nos remete ao caráter situado da cognição, já o que identifica como “speech community” nos remete ao caráter distribuído da cognição. Por isso, dois tipos de relação distintos e interligados sustentam nossa abordagem à polissemia da construção “cozinha”: entre processos e produtos e entre o situado e o distribuído.

Neste ponto, também nos afastamos de Soares da Silva (2006), para quem, “(...) apesar da sua potencial subjectividade, é preferível e aconselhável optar pelo critério sincrónico” (p. 48). O critério diacrônico permite não somente a identificação da homonímia ou da polissemia, como também preserva a distinção entre o herdado, o vernáculo e o ajustado via contato. O objeto desta dissertação se caracteriza como um fenômeno vernáculo.

Estabelecidos os conceitos de polissemia e de língua que adotamos, podemos retornar à relação entre o léxico e a morfologia, agora por meio da discussão sobre o grau.

## 2.2 Polissemia sistemática dos substantivos em grau

A marca de diminutivo em “cozinha” remete a uma vasta literatura, que se concentra na discussão do grau como flexão ou como derivação (cf. GONÇALVES, 2009) ou aborda as funções do grau (SILVA, 2014). Nesta dissertação, seguimos um caminho indicado por Basilio (1987) e complementado por Basilio (2004a, 2011), que nos parece permitir exceder a surpresa que o grau, em geral, e o diminutivo, em particular, causam.

O diminutivo em Português serve, não apenas para indicar o tamanho pequeno de um objecto, mas também para muitas outras funções e significado, alguns até contraditórios, como o apreciativo e o depreciativo ou o atenuativo e o intensivo. Formalmente, também é grande a variedade de sufixos diminutivos, mas é, sem dúvida, *-inh-* o mais utilizado e produtivo (...) (SOARES DA SILVA, 2006, p. 219)

Nesta seção, pretendemos demonstrar que a aparente contradição entre apreciar e depreciar se concentra num dos limites da polissemia sistemática dos substantivos no diminutivo, a avaliação, sendo o outro a medição; que tanto a avaliação quanto a medição são perspectivizadas; e que o que a literatura não cognitivista trata como imprevisibilidade referencial se submete à nomeação, função semântica superveniente, razão pela qual se manifesta por meio de qualquer processo morfológico.

Basilio (1987) atribui ao léxico duas funções básicas: a nomeação e o fornecimento de unidades para a construção de enunciados. Ressalte-se que a nomeação, dado o compromisso com a Linguística Gerativa, é concebida como função devida a princípios de domínio específico, e não a princípios de domínio geral, mas que as unidades servem à construção de enunciados (unidades enunciativas), e não de sentenças (unidades sintáticas), como o quadro teórico faria esperar. A nomeação, por sua vez, é uma função que o léxico desempenha a despeito dos processos morfológicos envolvidos, derivação (p. 23) ou composição (p. 31-32). Não são os processos morfológicos que determinam as funções semânticas, são as funções semânticas que motivam os processos morfológicos.

Os exemplos de nomeação por meio da derivação apresentados pela autora são “Mineirão”, “orelhão”, “frescão” e “Minhocão”. Suas conclusões são “(...) que o sufixo *-ão* apresenta uma função denominadora e que o significado de *orelhão*, embora imprevisível, não é um fenômeno puramente acidental” (p. 23). Já vimos que a expectativa de previsibilidade é criada pela Linguística Gerativa e que a adesão à Linguística Cognitiva cria a expectativa da motivação, que assume *status* de princípio organizador da categorização, em geral, e

da polissemia, em particular, na Gramática das Construções Cognitiva. Agora, podemos retomar os exemplos fornecidos pela autora em busca de uma generalização baseada em processos cognitivos.

Para Lakoff (1987), a metáfora se dá por correspondência (*mapping*) interdomínios enquanto a metonímia se dá por correspondência intradomínio. Retomaremos tais conceitos. Aqui os antecipamos para associar “orelhão” e “Minhocão” à metáfora (*orelha* e *minhoca* no domínio-fonte) e “Mineirão” e “frescão” à metonímia (ser mineiro e ser fresco como propriedades que representam o estádio e o ônibus).

Em Basilio (2004a), reencontramos o foco na nomeação como função do léxico, agora atribuída a princípios de domínio geral, dado o compromisso com a Linguística Cognitiva: “(...) o ato de nomear já é um ato sociocultural, que corresponde a uma escolha deliberada de palavras a partir dos padrões lexicais colocados à disposição dos falantes para fins de referência funcional a pessoas e coisas” (p. 62). Logo, a nomeação, não de qualquer telefone, mas do tipo de telefone que é público e exhibe forma de orelha<sup>4</sup>; a nomeação, não de qualquer viaduto, mas dos viadutos que exibem forma de minhoca, ou, não de qualquer prédio, mas dos prédios que exibem forma de minhoca; a nomeação, não de qualquer estádio, mas de um estádio em Minas Gerais; e a nomeação, não de qualquer ônibus, mas do tipo de ônibus que tem ar-condicionado no Estado do Rio de Janeiro, são atos de uma cognição situada – historicamente, como enfatizado por Geeraerts (2011); social e culturalmente, como enfatizado por Basilio (2004a) – por meio do padrão lexical do qual participa o sufixo –ão.

O que pretendemos demonstrar é que a nomeação de uma parte do corpo de um animal, a nomeação de uma iguaria, a nomeação de um tipo de policial e a nomeação de um perfil de eleitor se deram segundo os mesmos processos, só que aproveitando o sufixo –inho. Com isso, estamos nos afastando completamente dos estudos “(...) que se circunscrevem à abordagem do grau como um fenômeno morfológico” (BASILIO; BEZERRA, 2014), mas também não estamos acompanhando as abordagens que se anunciam como baseadas na Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. SILVA, 2014). Estamos avançando na proposta de conceber a formação de palavras como um fenômeno semântico com repercussão morfológica, e não um fenômeno morfológico com repercussão semântica (cf. LEMOS DE SOUZA, 2010, 2012, 2015). Tal proposta concilia a centralidade da polissemia tal como na Gramática das Construções Cognitiva com a associação da polissemia aos processos morfológicos, o que Basilio (2004a) denomina polissemia sistemática, e defende que a

---

<sup>4</sup> Há uma relação metonímica entre o telefone e a cobertura. É a cobertura que exhibe forma de orelha. A cobertura está pelo telefone. A partir dessa relação metonímica, atua a metáfora.



formação de construções gramaticais não se dá a partir de formas (passíveis de atribuição a uma classe de palavras), e sim de significados.

Chamamos de polissemia sistemática a multiplicidade de interpretações possíveis de caráter pré-determinado numa forma lingüística. Assim, nas formações lexicais, a polissemia sistemática é uma estratégia valiosa para a utilização de um determinado elemento no exercício de várias funções interligadas. No caso das nominalizações deverbais, a polissemia sistemática corresponde a diferentes instâncias de uso frequente e necessário, todas relacionadas a um processo geral de desverbalização do verbo. (BASILIO, 2004a, p. 56)

Em outras palavras, a polissemia do substantivo “declaração” é circunscrita a uma interpretação verbal (ato de declarar) e uma interpretação nominal (documento) pelo próprio processo de formação de substantivos a partir de verbos, motivado por um processo cognitivo – no caso, a metonímia. O caráter sistemático desloca a análise do produto para o processo, promovendo generalização análoga à que desloca a análise do item para a construção gramatical.<sup>5</sup>

Essas situações correspondem a diferentes maneiras de interpretar a forma nominalizada, que é, portanto, sistematicamente polissêmica, na medida em que cada possibilidade de utilização corresponde a uma diferente interpretação, sendo todas elas pré-determinadas como estratégias lexicais a serviço da representação conceitual e construção de enunciados. (BASILIO, 2004a, p. 56)

Com isso, a polissemia se desloca dos produtos, um a um, para os processos, o que contribui para a generalização, sem que se restabeleça a previsibilidade de que todo substantivo deverbal apresente uma interpretação verbal e uma interpretação nominal. Por exemplo, “estacionamento” apresenta somente interpretação nominal enquanto “salvação” apresenta somente interpretação verbal.

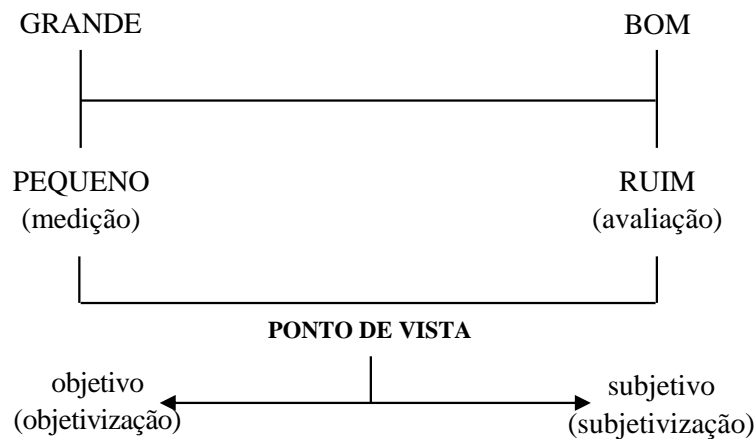
Podemos, então, pensar na polissemia sistemática do grau, em geral, e da formação de substantivos no diminutivo, em especial. O ponto de partida é reconhecer GRAU como um fenômeno semântico, constitutivo de uma conceptualização escalar. A escala não está no mundo, está na experiência a partir de um ponto de vista. Segundo essa proposta, a expressão “grau morfológico” só faz sentido se em referência à forma que constitui o par FORMA-SIGNIFICADO.

<sup>5</sup> A construção gramatical ser o próprio item, como “cozinha” segundo a Gramática das Construções Cognitiva, não impede de distinguir entre a polissemia do item, caracterizada pelos significados que resultam da metáfora e da metonímia, e a polissemia de todo e qualquer substantivo no diminutivo, que estamos caracterizando como sistemática exatamente porque associada ao processo de formação.

Assim, “O grau diminutivo é em geral definido em termos de diminuição concreta de tamanho, mas também apresenta abrangência maior, indicando diminuição avaliativa, ou depreciação (...)” (BASILIO, 2004b, p. 70). Em nossa proposta, medição (base experiencial) e avaliação (subjativização) são os limites da escala fixados pelo ponto de vista.

Enquanto a polissemia sistemática dos substantivos formados por nominalização é organizada pela metonímia<sup>6</sup> para Basilio (2004a), entendemos que a polissemia sistemática dos substantivos formados por grau é organizada pelo ponto de vista. No caso de “coxinha”, os significados COXA PEQUENA e COXA BOA/RUIM são predeterminados pelo processo de formação de substantivos no diminutivo, e não específicos da construção.

Figura 1: Polissemia sistemática dos substantivos formados por grau.<sup>7</sup>



Fonte: Elaborada pela autora.

É a partir da polissemia sistemática relativa à formação de substantivos por grau, assim concebida, que se desenvolve a deriva semântica das construções que resultam de tal processo. Medição e avaliação constituem a polissemia de “coxinha” no âmbito geral, do

<sup>6</sup> Recuperemos de Basilio (1987) o caso “(...) de *impressão*, onde o significado ‘noção vaga’ nada tem a ver com o significado da base verbal *imprimir*” (p. 21). Revisto com o olhar cognitivista com que Basilio (2004) formula o conceito de polissemia sistemática, diríamos que *impressão* exibe interpretação nominal em razão da metáfora, que já atua na polissemia de *imprimir*, verbo que serve à conceptualização de aplicação de tinta sobre uma superfície, elementos do domínio-fonte, o que se estende à conceptualização de sentimento como marca sobre uma pessoa como superfície, elementos do domínio-alvo. Portanto, a metonímia é o processo cognitivo que permite generalizar a interpretação nominal de um substantivo deverbal, enquanto a metáfora pode atuar em casos minoritários como este. Esta observação nos parece importante porque, conforme se verá no capítulo 4 desta dissertação, a polissemia de “coxinha” parte de uma nomeação metafórica.

<sup>7</sup> Não se trata da projeção de grande sobre bom nem de pequeno sobre ruim, como numa metáfora conceptual. Trata-se exatamente da não participação de qualquer padrão de figuratividade, e sim apenas do ponto de vista, na conceptualização. Com isso, estamos acolhendo que a polissemia sistemática da nominalização de verbos seja organizada pela metonímia, como propõe Basilio (2004a), ao passo que estamos caracterizando a polissemia sistemática da formação de substantivos por gradação como organizada tão-somente pelo ponto de vista. Daí a metáfora não estar em questão e os elementos “grande/pequeno” e “bom/ruim” não estarem em diferentes domínios, e sim nos limites fixados pelo ponto de vista na própria base experiencial.

processo, enquanto a formação dos significados relativos à iguaria, ao policial e ao eleitor constituem a polissemia de “coxinha” no âmbito específico, da construção.

Da mesma forma, os significados associados a “Mineirão”, “orelhão”, “frescão” e “Minhocão” por Basilio (1987) podem, segundo a proposta aqui formulada, ser situados no âmbito das construções, a partir de medição e avaliação como funções associadas ao processo de formação de substantivos por grau. Novamente, a polissemia de cada uma das construções resulta dos significados predeterminados pelo processo e dos significados específicos de cada item.

Nossa tese é que, além da polissemia sistemática de todo substantivo no diminutivo, a polissemia de “coxinha” se deve à atuação da metáfora, primeiro, para a nomeação de uma parte do animal e, depois, para a nomeação da iguaria e à atuação da metonímia, primeiro, para a nomeação do policial e, depois, para a nomeação do eleitor.

Além da metáfora e da metonímia, a Linguística Cognitiva considera a subjetivização como causa da polissemia e da mudança semântica:

O interesse antigo pela mudança semântica é hoje revalorizado pela Linguística Cognitiva (e também pela Linguística Funcionalista, com o desenvolvimento da pragmática histórica: Traugott 2003b). Alguns dos temas-chave da Semântica Cognitiva, tais como prototipicidade, polissemia, metáfora, metonímia, subjectivização, flexibilidade do significado, envolvem justamente a interface sincronia/diacronia. (SOARES DA SILVA, 2006, p. 85)

Nessa enumeração, encontram-se os nossos conceitos-chave: (i) a polissemia como caso de categorização radial; (ii) metáfora e metonímia como processos cognitivos; e (iii) subjetivização como “(...) tendência a converter significados fundamentados na referência externa objectiva em significados baseados na atitude interna do falante (...)” (SOARES DA SILVA, 2006, p. 103). Isso não exime de perspectivização sequer o significado dimensivo do grau, apenas atribui a avaliação (positiva ou negativa) à “atitude interna do falante”.

Em outras palavras, se o significado é perspectivista, não existe significado isento de ponto de vista, isenção que Lakoff (1987) chama de “God’s eye point of view”. Logo, tanto os significados dimensivos quanto os significados avaliativos do grau são perspectivistas, sendo os avaliativos resultantes de um ponto de vista subjetivo, o que torna a subjetivização constitutiva da polissemia sistemática do substantivo em grau. Essa é a formulação que nos parece condizente com a Gramática das Construções Cognitiva, seja porque não aventa

significado que não seja perspectivista, seja porque situa os substantivos formados por grau na categoria radial dos substantivos em razão da nomeação.

*Noun* is a radial category. Its central subcategory consists of names for physical entities – people, places, things. Those are the prototypical nouns. There are, of course, noncentral nouns: abstract nouns (like *strength*), and strange nouns that occur only in idioms (like *umbrage* in *take umbrage at*). (LAKOFF, 1987, p. 289-290)

O passo que estamos dando consiste em caracterizar a polissemia do grau como sistemática, nos termos propostos por Basilio (2004a) para a nominalização de verbos, e em distribuir os significados dimensivos e avaliativos numa escala estabelecida pelo ponto de vista inerente à conceptualização por gradação. Ressaltemos que a concepção de polissemia sistemática remete diretamente ao processo morfológico para atender a uma função semântica, exatamente como Lakoff (1987) entende a categorização das construções gramaticais como consequência da categorização dos significados que constituem as construções gramaticais.

Porque a gradação pode incidir tanto na nomeação quanto na predicação, um epifenômeno é que “(...) é possível acrescentar afixos de grau a praticamente todos os nomes da língua: eles são tão produtivos em português que, além de estruturarem paradigmas sem células vazias, extrapolam os limites categoriais da base (...)” (GONÇALVES, 2009, p. 156). Como “coxinha” é um substantivo e ser um substantivo semanticamente é servir para nomear, que é uma das funções dos itens fornecidos pelo léxico, a consequência formal é que todos os processos morfológicos (derivação, composição, cruzamento, hipocorização, truncamento e substituição sublexical) são recrutados para a formação de substantivos, e a consequência semântica é que a polissemia sistemática de “coxinha” é circunscrita pelo ato de nomear, entendido como obra da cognição situada na sociedade, na cultura e na história.

A partir de outro quadro teórico, Gonçalves (2009) menciona “coxinha” entre exemplos de que “Produtos da gradação morfológica nem sempre são interpretados pela soma das partes, uma vez que o acréscimo do afixo pode levar a opacificações de sentido, em proveito da rotulação” (p. 162). Para o autor,

(...) a gradação dá mostras de um profundo relacionamento entre morfologia e pragmática, uma vez que a estrutura de palavras como ‘chiquerrimo’, ‘fulaninha’ e ‘golaço’, entre outras, serve como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do emissor ante a audiência, o que justifica seu tratamento no âmbito da morfopragmática (...) (p. 149)

Essa é uma posição representativa da abordagem centrada na forma, em que o grau é concebido como fenômeno morfológico com repercussão semântica, diferente, por sua vez, da repercussão pragmática. Os significados que o autor atribui à interface morfologia/pragmática são os que atribuímos à polissemia sistemática: dimensivos ou avaliativos, sempre perspectivizados. Já as “opacificações de sentido, em proveito da nomeação” não têm lugar em nossa abordagem porque remetem à expectativa por previsibilidade.

O custo para nossa proposta é o deslocamento da generalização: o foco na forma conduz a generalizar por classe de processo formal (flexão ou derivação), generalização que se aplica ao grau como fenômeno morfológico; o foco no significado conduz a generalizar por classe semântica, generalização que se distribui entre a nomeação e a predicação.

Nosso foco na nomeação diz respeito ao processo de formação de substantivos, sem ignorar-se a possibilidade de substantivos predicarem ou a de adjetivos nomearem. Basilio (1995), do ponto de vista gerativo, aborda esse fenômeno como flutuação, enquanto Basilio (2011), do ponto de vista cognitivo, aborda esse fenômeno como conversão. Recuperamos de Basilio (1995) a formulação que nos parece mais adequada ao fenômeno: “(...) a função semântica primária do substantivo é a de designar e a do adjetivo caracterizar. Ora, o meio mais eficiente de designar é designar por caracterização” (p. 190).

Portanto, os usos de “coxinha” em predicação não se afastam totalmente da função primária de nomear, da qual esta dissertação se ocupa. A avaliação ser uma das funções constitutivas da polissemia sistemática dos substantivos em grau cria um potencial à predicação para a classe cuja função primária é a nomeação, o que confere aos substantivos em grau a possibilidade de desempenharem função adjetiva sem serem adjetivos. Eis o lugar reservado pela gramática ao juízo de valor.

Assim como verificamos se os exemplos apresentados por Basilio (1987) de aumentativos a serviço da nomeação se submeteriam à generalização propiciada pelos processos cognitivos, analisemos os exemplos apresentados por Gonçalves (2009, p. 162):

coxinha	(“salgado”)	bolão	(“aposta”)
folhinha	(“calendário”)	espigão	(“edifício”)
raspadinha	(“jogo”)	pistolão	(“pessoa influente”)
doisinho	(“trago”)	caminhão	(“veículo”)
beijinho	(“doce”)	sapatão	(“lésbica”)
calcinha	(“roupa de baixo”)	sacolão	(“hortifrutí”)
selinho	(“beijo”)	pescoção	(“tapa”)

Os exemplos acima ilustram a formação de substantivos a partir de substantivos, exceto por “doisinho”, que pode ser descrito como substantivo formado a partir do adjetivo

“dois”. Por isso, aproximo “doisinho” a “Mineirão” e “frescão”, apresentados por Basilio (1987), que, assim como Gonçalves (2009), ressalta a imprevisibilidade referencial de substantivos como esses, dada a expectativa por previsibilidade criada pelo quadro teórico.

Identificados os processos cognitivos que motivam a nomeação por meio desses substantivos e reconhecida a polissemia sistemática associada à formação de substantivos por grau, os exemplos poderiam ser assim distribuídos:

<b>METÁFORA</b>	<b>METONÍMIA</b>
coxinha (projeção entre corpo e alimento a partir da função dimensiva)	doisinho (dois atos pelo evento que formam)
folhinha (projeção entre vegetal e tempo a partir da função dimensiva)	raspadinha (o ato pelo jogo)
beijinho (projeção entre o efeito de um beijo e o efeito de comer o doce a partir da função dimensiva, a partir de beijo por boca)	pistolão (instrumento por quem o detém)
selinho (projeção entre o toque do selo na carta e o toque de uma boca na outra a partir da função dimensiva)	sacolão (instrumento pela instituição em que se usa)
calcinha (projeção entre proximidade e intimidade a partir da função dimensiva)	pescoção (parte do corpo pelo tapa nessa parte)
bolão (projeção entre o rolar da bola e o desenvolvimento da aposta a partir da função dimensiva)	
espigão (projeção entre a forma da espiga e a forma do prédio a partir da função dimensiva)	

O exemplo “caminhão” não cabe no quadro acima por não ser vernáculo. Trata-se de ajuste fonológico de palavra que ingressou no português por contato: “Adaptação do fr. *camion*” (CUNHA, 1982, p. 144). Pelo critério diacrônico, “caminhão” não exhibe o sufixo –ão, e sim apenas a sequência fonológica –ão, por analogia, um princípio de domínio

geral, tais quais “Camarões” como ajuste de “Cameron” e “sinuca” como ajuste de “snooker”. O exemplo deixa ainda em aberto qual seria o significado transparente opacificado pela nomeação.

Outra divergência que devemos registrar restringe-se à hipótese de separação entre significado linguístico e significado enciclopédico, acolhida por Basilio (2011):

No caso das formações denominais, também o significado de agente nos é dado pela construção morfológica, na qual os afixos *-eiro* ou *-ista* são adicionados à base nominal. Assim, o significado linguístico da palavra derivada *jornaleiro* é “agente em relação a jornal”. Entretanto, é de caráter enciclopédico a informação de que se trata de uma pessoa que vende jornais e revistas numa espécie de estabelecimento de construção precária que vemos em esquinas de ruas. Na verdade, *jornaleiro* e *jornalista* são construções morfológicas diferentes que apresentam o mesmo significado linguístico “agente em relação a jornal”, mas diferentes significados enciclopédicos.<sup>10</sup> (p. 108)

A nota 10 no original citado é: “Poderíamos, também, considerar os significados linguísticos como diferentes, dada a complexa situação de *-ista* e *-eiro* como formadores de nomes de agente. Mas esta é uma questão controversa” (p. 108).

A hipótese de tomar “agente em relação a jornal” como significado linguístico nos parece pressupor que é a forma “jornal” a “base nominal” para a formação tanto de “jornaleiro” quanto de “jornalista”. Segundo a proposta de conceber a formação de palavras como um fenômeno semântico com repercussão morfológica em vez de um fenômeno morfológico com repercussão semântica, o ponto de partida é o reconhecimento de “jornal” como uma palavra polissêmica. Dentre os significados mais rotinizados, dois são mais frequentes: o relativo ao periódico publicado fisicamente e o relativo à instituição que produz o periódico. A relação entre esses dois significados é metonímica (v. cap. 5).

A disponibilidade de “jornal”, portanto, não é como “base nominal”, uma forma classificada como nome, e sim como construção gramatical polissêmica: o significado relativo ao periódico instancia a construção *X-eiro*<sup>8</sup> enquanto o significado relativo à instituição instancia a construção *X-ista*. Consequentemente, segundo a proposta aqui adotada, temos de acompanhar a possibilidade indicada por Basilio (2011) em sua nota 10: considerar que

<sup>8</sup> Esta notação para uma construção é proposta pela Gramática Cognitiva, que Basilio (2011) adota para abordar o papel da metonímia na formação de palavras. A Gramática das Construções Cognitiva não fornece nenhuma notação. Nosso uso da notação neste trecho se deve ao diálogo que estabelecemos com a autora para permitir ao leitor entender a divergência. Numa abordagem da polissemia de “coxinha” segundo a Gramática Cognitiva, caberia estipular a construção *[X+inho]*, instanciada por COXA como significado, e não por “coxa” como forma, para a formação da expressão “coxinha”. Na abordagem aqui pretendida, segundo a Gramática das Construções Cognitiva, “coxinha” é a construção, não há previsão de um esquema a instanciar, há somente a construção cujo polo semântico consiste numa categoria de significados.

“jornaleiro” e “jornalista” apresentem significados linguísticos diferentes, seja porque a metonímia organiza a polissemia da palavra “jornal”, seja porque o X de uma construção não é uma forma.

A divergência restringe-se a este ponto em Basilio (2011), não se estende Basilio (2004a), seja pela concepção de polissemia sistemática, que aqui adotamos de Basilio (2004a) e estendemos à polissemia dos substantivos no diminutivo, seja por entendermos que Basilio (2004a) adere à concepção de que o X é um significado:

Os trabalhadores são freqüentemente categorizados por construções morfológicas X-dor em que X corresponde ao ato ou atividade mais típico ou relevante dentre as inúmeras funções de um trabalhador numa determinada profissão. Temos, portanto, na construção de um nome de agente profissional um padrão morfológico conectado a um modelo metonímico (LAKOFF, 1987). (BASILIO, 2004a, p. 62)

Considerar que “X corresponde ao ato ou atividade mais típico relevante” contempla o caráter semântico da formação de palavras e o papel da frequência de uso na disponibilização dos significados para a formação de palavras. Nesses termos, a polissemia de “cozinha”, associada, na seção anterior, aos princípios de domínio geral que organizam a categorização radial, tem sua caracterização complementada nesta seção pela associação dos significados dimensivo e avaliativo à polissemia sistemática vinculada ao processo de formação de substantivos por grau; pela associação dos significados designativos, objetos desta dissertação, à nomeação como função básica do léxico; e pela concepção da formação da palavra “cozinha” como fenômeno semântico (a partir de um significado associado à forma “coxa”), e não como fenômeno morfológico (a partir da forma “coxa”).



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao longo desta dissertação, vimos enfatizando o carácter *perspectivista, enciclopédico, flexível e baseado na experiência e no uso* do significado (v. cap. 1). Neste capítulo, pretendemos contemplar tais caracteres nos procedimentos metodológicos adotados, tendo em vista os caracteres situado e distribuído da cognição, aqui manifestos numa variedade intralinguística (o português paulista) em sua relação com a língua (o português brasileiro).

Na introdução, tomamos o cuidado de demonstrar a plausibilidade de se conceber o português paulista como variedade reconhecida pelo projeto PHPP e a adequação de articular língua e variedade por meio da Sociolinguística Cognitiva. Neste capítulo, detalharemos os procedimentos metodológicos que adotamos em prol de uma análise qualitativa dos significados associados à construção “coxinha”.

Um *modelo experiencialista*, compendiado no princípio filosófico do *realismo experiencial* ou *experiencialismo* e na hipótese da *corporização* (“embodiment”) do pensamento e da linguagem (Lakoff & Johnson 1980, 1999), deve atender a todas as dimensões da experiência humana, construídas pela e na linguagem: não só a experiência individual (corpórea, neurofisiológica), como também a experiência colectiva, social e cultural e, com ela, as diferenças entre culturas, grupos sociais ou mesmo indivíduos. (SOARES DA SILVA, 2009, p. 195)

Conforme anunciado no capítulo 1, escolhemos o jornal *O Estado de São Paulo* como fonte dos dados. Nele, encontramos os usos relativos aos significados identificados nesta dissertação (IGUARIA, POLICIAL e ELEITOR) não somente nos cadernos relacionados à cidade ou ao Estado de São Paulo, mas também nas coberturas nacionais e em vários cadernos. A situação de ter um conjunto de falantes-escritores letrados produzindo o jornal a partir do Estado de São Paulo, como também de ter um conjunto de falantes-leitores difusos recebendo o jornal dentro e fora dos limites geográficos do Estado de São Paulo nos torna conscientes do papel do jornal como difusor da variedade paulista do português brasileiro e da limitação da análise quanto à rotinização dos significados em questão em outras fronteiras sociolinguísticas.

Neste ponto, retomamos a “(...) actividade de colaboração entre indivíduos, não só sincrónica, mas sobretudo sócio-histórica (...)” que Soares da Silva (2009) relaciona ao carácter distribuído da cognição para associá-la tanto à “representação em enciclopédia” (cf. ECO, 1998) quanto à não cisão entre história interna e história externa (cf. NEGRÃO; VIOTTI,

2012). A propósito, as manifestações políticas deflagradas em 2013 a partir do aumento do preço da passagem do ônibus em São Paulo são consideradas, nesta dissertação, um fato histórico-social com repercussão no desenvolvimento e na difusão do último dos significados identificados, relativo ao eleitor. As manifestações correspondem, nesta dissertação, às “mudanças inevitáveis do nosso mundo e das nossas circunstâncias” que conferem ao significado seu caráter flexível (v. cap. 1). A origem das manifestações ter sido em São Paulo também nos levou a escolher um jornal de origem paulista, mas com alcance nacional como fonte dos dados.

### 3.1 A fonte e o *corpus*

O jornal *O Estado de São Paulo*, foi escolhido como fonte de dados representativa da variedade paulista. Para formar um *corpus* de usos da palavra “coxinha”, o acervo digital do jornal<sup>9</sup> foi a ferramenta escolhida. A primeira descoberta foi que “coxinha” ocorre nos mais variados cadernos, sendo possível visualizar tanto as edições distribuídas no Estado quanto em todo o território nacional.

Em razão da ocorrência em diferentes cadernos, os critérios de seleção empregados foram (i) a produção pela equipe do jornal e por anunciantes e (ii) a exclusão de significados esporádicos, por não servirem à generalização pretendida.

A escolha de um jornal como fonte escrita implica reconhecer que os usos de uma palavra na modalidade escrita não necessariamente correspondem aos seus usos na modalidade oral, o que é uma limitação metodológica. Tal limitação, no entanto, não deixa de contemplar a característica fundamental da “representação em enciclopédia”:

(...) apenas o que a Comunidade de algum modo registrou publicamente (e, além disso, consideramos que a competência enciclopédica seja compartilhada por setores, conforme um tipo de divisão do trabalho lingüístico, ou ativada em diversos modos e formatos, segundo os contextos). (ECO, 1998, p. 193)

Assim, acompanhamos o autor em considerar que o caráter enciclopédico do significado se manifesta no registro público, em diversos modos e formatos. Sendo a nossa fonte um jornal, consideramos como indicativa da maior ou menor convenção dos significados a ausência ou a presença de explicação, respectivamente.

---

<sup>9</sup> Acervo.estadao.com.br/procura/#!/coxinha/Acervo/acervo.

### 3.2 Coleta de dados

Ao acessarmos o acervo digital de *O Estado de São Paulo* (*Estadão*) e digitarmos a palavra “coxinha”, o sistema mostra automaticamente a página exata do jornal em que a palavra se encontra. Na primeira etapa da busca, o número de ocorrências, mostrado na figura 1 (3.120 ocorrências, divididas em dois períodos: 2.347 ocorrências da palavra selecionada, entre os anos de 1870 e 2010, mais 773 ocorrências, de 2010 a 2018), não corresponde ao número real de ocorrências da palavra. Por causa da digitalização, não é possível ao sistema distinguir entre a palavra “coxinha” e a palavra “cozinha” e nem evitar repetições das reportagens. Por essas razões, a tabulação dos dados, nos itens da subseção 3.4, foi feita por checagem individual, o que faz com que nosso número não corresponda ao indicado pelo sistema.

Figura 2: Janela inicial do acervo do *Estadão*.



Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/procura#!/coxinha/Acervo/acervo>

Assim, a coleta de dados consistiu na (i) verificação de cada ocorrência mapeada pela busca em todo o acervo, separando as ocorrências da palavra “coxinha” das de “cozinha”; (ii) sistematização dos significados; e (iii) separação dos usos relevantes para esta pesquisa, ou seja, as ocorrências de “coxinha” com os significados que esta dissertação visa a analisar. Essa sistematização é apresentada nas duas próximas subseções.

### 3.3 Os significados de “coxinha”

Encontramos a primeira ocorrência da palavra “coxinha” com significado relativo à iguaria em 16/06/1894<sup>10</sup> e a última ocorrência com significado relativo ao eleitor em 29/08/2018<sup>11</sup>. Esse intervalo nos permite identificar a mudança semântica da palavra na medida em que amplia sua polissemia, originalmente restrita à (i) nomeação de uma parte do corpo humano, em que o diminutivo é opcional e, quando presente, exibe a polissemia sistemática (medição ou avaliação) dos substantivos em grau; (ii) nomeação de uma parte do corpo animal, em que o diminutivo é igualmente opcional e, quando presente, também exibe a polissemia sistemática (medição ou avaliação) dos substantivos em grau; e a (iii) nomeação da iguaria, em que o diminutivo é constitutivo da nomeação. A formação dos significados relativos à (iv) nomeação do policial militar do Estado de São Paulo; e (v) nomeação de um perfil de eleitor paulista/brasileiro se revela mais recente.

A fim de analisar a polissemia da palavra “coxinha”, os dados foram recolhidos do acervo completo do jornal, para, por exemplo, não se excluir de antemão a possibilidade de ocorrência da palavra “coxinha” como iguaria em um caderno de economia. As ocorrências da palavra, então, foram selecionadas por ano, mês e caderno<sup>12</sup>, o que nos permitiu encontrar 883 ocorrências da palavra<sup>13</sup> dentre as 3.120 iniciais.

Outro critério empregado para organizar os dados selecionados foi a distinção entre uso e menção. Nosso foco se dirige aos casos de uso, mas não excluimos os casos de menção, por refletirem igualmente os processos cognitivos e a perspectivização. Tanto em uso quanto em menção, a palavra é usada para nomeação e para predicação.

### 3.4 Organização dos dados: computação e delimitação

Para que os dados pudessem ser sistematizados e analisados, selecionamos as ocorrências da palavra até dezembro de 2018<sup>14</sup> e as dividimos em três períodos: o primeiro vai de 1894 a 1999 – quando se constata apenas o significado relativo à iguaria e o relativo à parte anatômica, tanto do animal (galinha ou frango) quanto do homem; o segundo vai

<sup>10</sup> Edição Nacional. Caderno Geral. Página 1. Reportagem e *link* disponíveis no anexo deste trabalho.

<sup>11</sup> Política. Página 6. Reportagem disponível no anexo deste trabalho.

<sup>12</sup> O próprio acervo separa as informações afunilando a pesquisa.

<sup>13</sup> O acervo contabiliza a ocorrência da palavra duplamente nos casos em que a mesma matéria consta tanto na edição nacional quanto na edição regional. Assim, as amostras tiveram de ser tabuladas uma a uma para o número real de ocorrências.

<sup>14</sup> Dentro do acervo, a última ocorrência da palavra “coxinha” relativamente ao eleitor é datada de 29/08/2018; nos meses seguintes, só há ocorrência da palavra “coxinha” como iguaria.

de 2000 a 2012 – quando continua o uso de “coxinha” como iguaria e partes anatômicas e também se forma o significado relativo ao policial; e o terceiro vai de 2013 a 2018 – quando continuam os usos de “coxinha” relativos à iguaria e ao policial e se forma o significado relativo ao eleitor.

Para a tabulação dos dados dentro dos três períodos delimitados metodologicamente, registramos o tipo de ocorrência da palavra por meio de siglas nas tabelas e gráficos, conforme a tabela 1:

Tabela 1: Siglas para os tipos de ocorrências da palavra "coxinha".

CLASSIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS	
Sigla	Tipo
<b>I</b>	Iguaria (com ou sem predicação)
<b>A</b>	Anatomia (humana ou animal)
<b>P</b>	Policial militar
<b>E</b>	Eleitor
<b>O</b>	Outras nomeações <sup>15</sup>

Fonte: Elaborada pela autora.

#### 3.4.1 Primeiro período de ocorrências: 1894 a 1999

A primeira ocorrência da palavra, com o significado relativo à iguaria, é encontrada na edição datada de 16/06/1894, no caderno denominado *Geral*, na página 1, com a predicação “de galinha” para especificar um dos muitos recheios com que a iguaria podia ser preparada na época. O texto é uma narrativa sobre uma viagem de São Paulo a Santos (v. Anexo).

Entre 1900 e 1949, não foi encontrada nenhuma ocorrência. Entre 1950 e 1999, encontramos o total de 274 ocorrências da palavra “coxinha”, subdivididas em duas categorias: iguaria e anatomia. O total das ocorrências se encontra especificado na tabela a seguir:

<sup>15</sup> As ocorrências denominadas como O (Outras nomeações) têm um percentual mínimo de ocorrências e, por essa razão, foram catalogadas apenas para fins de contagem geral, e não da análise.

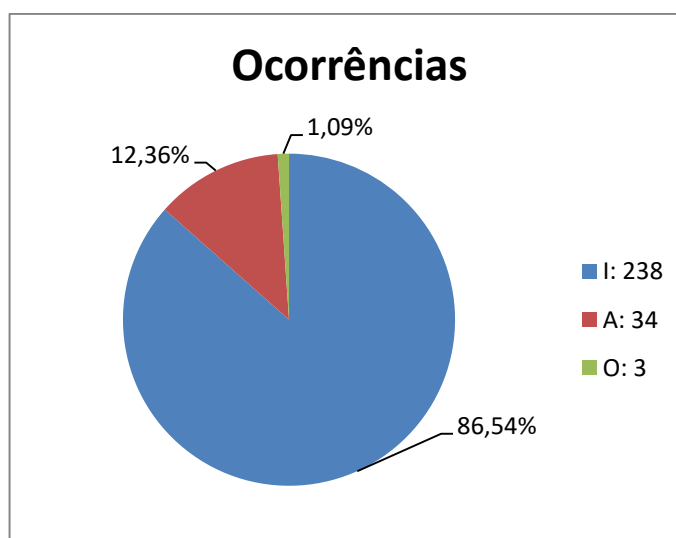
Tabela 2: Ocorrências de “coxinha” no primeiro período.

OCORRÊNCIAS		
Sigla	Tipo	Quantidade
<b>I</b>	Iguaria <sup>16</sup>	238
<b>A</b>	Anatomia	34
<b>O</b>	Outras nomeações <sup>17</sup>	3

Fonte: Elaborada pela autora.

A distribuição das ocorrências por tipo se encontra no gráfico 1:

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências no primeiro período.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados relativos a este período serão analisados no capítulo 3, no qual pretendemos estabelecer a relação entre a nomeação de uma parte do corpo animal a partir da nomeação de uma parte do corpo humano.

### 3.4.2 Segundo período de ocorrências: 2000 a 2012

No segundo período demarcado metodologicamente, encontramos o total de 436 ocorrências da palavra, subdivididas em iguaria, anatomia e, agora, policial militar. Desse total, os usos da palavra “coxinha” com significado relativo ao policial são seguidos de

<sup>16</sup> Classificação da iguaria: coxinha de rã, simples, especial, minicoxinha, *Ville-Roy*, de coelho, de peru, de faisão, de mandioca, Fasano, creme, paulista, de cordeiro, de catupiry, de bacalhau, de camarão e de padaria.

<sup>17</sup> Encontramos “Coxinha” como nome de um cavalo do Jockey Club de São Paulo, como apelido do presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo Rocha de Azevedo, e de um assaltante da cidade de Atibaia, Daniel de Oliveira.

explicação pelo jornal. No capítulo 1 e na seção 3.1, assinalamos que essa é uma evidência do caráter dialetal desse significado, razão por que o consideramos menos rotinizado que o relativo à iguaria.

O total das ocorrências se encontra especificado na tabela a seguir:

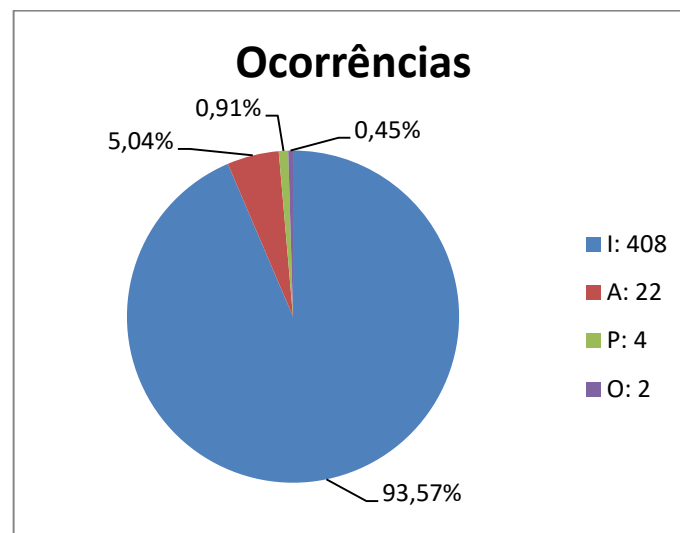
Tabela 3: Ocorrências de “coxinha” no segundo período.

OCORRÊNCIAS		
Sigla	Tipo	Quantidade
<b>I</b>	Iguaria <sup>18</sup>	408
<b>A</b>	Anatomia	22
<b>P</b>	Policial militar	4
<b>O</b>	Outras nomeações <sup>19</sup>	2

Fonte: Elaborada pela autora.

A distribuição das ocorrências por tipo se encontra no gráfico 2:

Gráfico 2: Distribuição das ocorrências no segundo período.



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>18</sup> Classificação da iguaria: coxinha de rã, de siri, recheada, especial, vegetariana, de camarão, de estrogonofe, bechamel, de carne-seca, cremosa, sem massa, com massa de mandioquinha, feijão, com molho, catupiry, de vitela e de ossobuco.

<sup>19</sup> Outras nomeações, sem relevância estatística para o nosso trabalho, são o apelido do judoca Leandro Cunha e o de um dos suspeitos da morte de Eliza Samudio, Wemerson Marques.

### 3.4.3 Terceiro período de ocorrências: 2013 a 2018

As ocorrências selecionadas neste terceiro período incluem o significado relativo ao eleitor a partir das manifestações de 2013. Encontramos 172 ocorrências da palavra<sup>20</sup>, assim distribuídas:

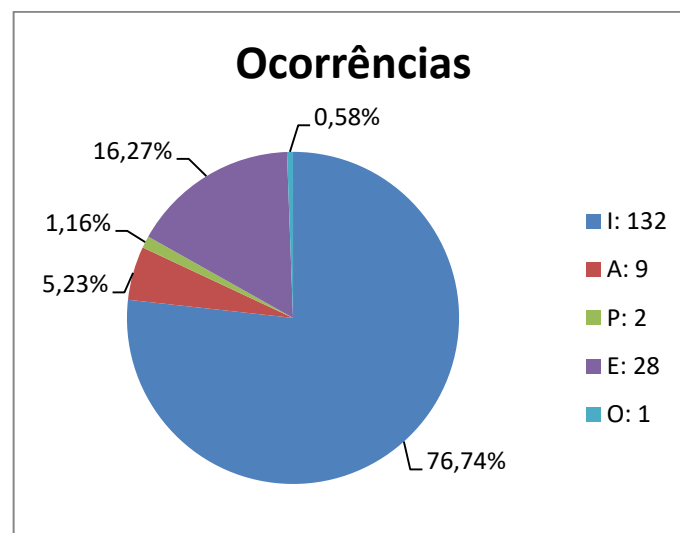
Tabela 4: Ocorrências de "coxinha" no terceiro período.

OCORRÊNCIAS		
Sigla	Tipo	Quantidade
<b>I</b>	Iguaria <sup>21</sup>	132
<b>A</b>	Anatomia	9
<b>P</b>	PoliciaI militar	2
<b>E</b>	Eleitor	28
<b>O</b>	Outras nomeações <sup>22</sup>	1

Fonte: Elaborada pela autora.

A distribuição das ocorrências por tipo se encontra no gráfico 3:

Gráfico 3: Distribuição das ocorrências da palavra “coxinha” no terceiro período.



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>20</sup> Selecionamos as 30 ocorrências com os significados relativos ao policial militar e ao eleitor. Os trechos das reportagens encontram-se no anexo e a ocorrência da palavra “coxinha” apresenta-se em destaque. Os *links*, com as reportagens completas, também se encontram no anexo desta dissertação.

<sup>21</sup> Classificação da iguaria: de mortadela, de estrogonofe, de pato, de marreco, de feijoada, de cordeiro, de camarão, de bacalhau, de espinafre, de costelinha, de brigadeiro, de caranguejo e de teriyake.

<sup>22</sup> Neste período, encontramos “coxinha” como equivalente a “bom moço”, uso em que se suspende a pejoratividade, mas não o juízo de valor.



A maior frequência do significado relativo ao eleitor que do significado relativo ao policial militar remete tanto à maior generalidade da cobertura política (nacional) que da cobertura policial (local) quanto ao caráter difusor do jornal como veículo de informação. A confirmar-se essa tendência, não será impossível haver falantes da língua que conheçam o significado relativo ao eleitor, mas não o significado relativo ao policial, o que reforça a adequação de um tratamento sociolinguístico cognitivo, e não apenas inventariante de usos.

### 3.4.4 Total de ocorrências relevantes para a pesquisa

Pudemos perceber, neste levantamento, que os dados confirmam os significados relativos à iguaria, ao policial e ao eleitor como representativos da polissemia de “coxinha”. Das 883 ocorrências, são relevantes ao nosso trabalho 812, contabilizadas na tabela 4:

Tabela 5: Quantificação das ocorrências relevantes.

Significados	Ocorrências
Iguaria	778
Policial	8
Eleitor	26

Fonte: Elaborada pela autora.

A identificação dos significados associados a uma construção gramatical contempla a dimensão quantitativa da polissemia. Resta contemplar sua dimensão qualitativa.

*Polysemy* arises from the fact that there are systematic relationships between different cognitive models and between elements of the same model. The same word is often used for elements that stand in such cognitive relations to one another. (LAKOFF, 1987, p. 13)

Seguindo o autor, deve-se somar à descrição dos significados a explicação das relações sistemáticas que os significados guardam entre si segundo os princípios que organizam a categorização radial (v. seção 2.1). Os capítulos 4 e 5 são dedicados exatamente à identificação de tais relações.

#### 4 NOMEAÇÃO METAFÓRICA E MUDANÇA DE ESTADO

No capítulo 2, explicamos por que adotamos o critério diacrônico para a investigação dos significados que constituem a polissemia da construção “coxinha”. Essa opção qualifica a tarefa de contemplar as dimensões quantitativa e qualitativa da polissemia como semasiológica:

No estudo das palavras, podemos partir, ora da palavra para os seus sentidos e referentes, ora de um significado ou conceito (ou uma entidade referencial) para as diferentes palavras ou itens lexicais que o podem designar. É a distinção entre *semasiologia* e *onomasiologia* (na qual se baseia a diferença entre *significação* e *nomeação*). Diacronicamente, a distinção dá-se entre a *mudança semasiológica* ou desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra e a *mudança onomasiológica* ou expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical. (SOARES DA SILVA, 2006, p. 86-87)

Ressalte-se que o autor usa “nomeação” em sentido diverso do que vem sendo empregado nesta dissertação. O autor refere-se à formação de palavras (de que tratamos no capítulo 2), à formação de novo nome. Nesta dissertação, “nomeação” corresponde à função semântica de nomear como parte do que o autor denomina “significação”, ou seja, a formação de um novo significado a serviço de nomear.

Neste capítulo, pretendemos explicar a formação de dois dos significados associados à palavra “coxinha” com base no processo cognitivo denominado na literatura cognitivista como metáfora: (i) o relativo ao nome de uma parte do corpo de um animal a partir do nome de uma parte do corpo humano; e (ii) o relativo ao nome de um salgado. Para tanto, mantemos de Lakoff (1987) a abordagem que localiza a correspondência no âmbito mais específico, o do *frame*, e não no mais geral, o do domínio: “Frames thus provide a clearer way to identify the aspects of domains involved in metaphoric mappings. Another benefit of relying on the concept of a frame is that it is easier to show the levels of schematicity involved in mappings” (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 19).

Novamente, impõe-se o cuidado de distinguir entre fundamentos da teoria e especificidades de cada modelo. No capítulo 1, observamos que a Gramática das Construções Cognitiva adota o conceito de *frame* tal como reformulado por Fillmore (1982) e que o conceito de perspectiva (com o de orientação) faz parte do conceito de *frame* tal como formulado por Fillmore (1977a).

Aqui, precisamos retomar tais conceitos para propor a análise pretendida. Começamos por recapitular que a semântica baseada em *frames* tem sua origem vinculada à defesa da continuidade entre a linguagem e a experiência:

A frame semantics outlook is not (or is not necessarily) incompatible with work and results in formal semantics; but it differs importantly from formal semantics in emphasizing the continuities, rather than the discontinuities, between language and experience. (FILLMORE, 1982, p. 111)

Esse resgate de conceitos nos leva de volta ao fundamento da Linguística Cognitiva que sustenta esta dissertação: a concepção do significado como perspectivista, enciclopédico, flexível e baseado na experiência e no uso (v. cap. 1). Por sua vez, a discussão sobre a pertinência de descrever a operação do princípio da analogia (cf. FAUCONNIER; TURNER, 2002) com base em *frames* ou em domínios diz respeito à implementação desse fundamento em cada modelo.

Na definição de metáfora que adotamos nesta dissertação, não se dispensa, apenas se subfocaliza, a participação do domínio:

Metaphoric mapping: a unidirectional relation between two conceptual domains (the **source domain** and the **target domain**) which sets up links (mappings) between specific elements of the two domains' structure. A conceptual connection of this kind may be further reflected in metaphoric expressions, linguistics usages of source-domain forms to refer to corresponding aspects of the target domain. (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 14)

It is therefore all the more important to realize that terms such as War or Combat are primarily representations of *frames* – knowledge structures we use in processing language. (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 15)

As autoras mantêm de Fillmore (1977a) o entendimento de que mesmo a experiência mais corpórea é perspectivizada:

Embodied experience is inherently viewpointed – you experience a visual scene from some particular point rather than any other, and you experience situations from your own participant role rather than another. (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 2)

Acompanhamos tal entendimento. Por isso mesmo, no capítulo 2, expusemos o entendimento de que a polissemia sistemática do substantivo no diminutivo vai da medição à avaliação, que são funções delimitadas pelo ponto de vista para o processo de formação de

substantivos por grau, sob pena de recairmos na descontinuidade entre linguagem e experiência de acreditar que tamanho é um dado objetivo, propriedade do mundo tal como é, e não *affordances*<sup>23</sup>, propriedades do mundo tal como percebido pela teoria popular.

Embora Lakoff (1987) reconheça no conceito de *affordances* caráter menos metafísico que no conceito de *propriedades*, não o acolhe e insiste na mediação da experiência corpórea entre o mundo e a linguagem:

It is important for cognitive science to describe human folk theories and to explicate commonsense reasoning. (...) The human conceptual system is a product of human experience, in that experience comes through the body. There is no direct connection between human language and the world as it exists outside of human experience. Human language is based on human concepts, which are in turn motivated by human experience. (p. 206)

Tal conceito, por sua vez, se encontra na definição de *frame* por Fillmore (1982):

Frame semantics offers a particular way of looking at word meanings, as well as a way of characterizing principles for creating new words and phrases, for adding new meanings to words, and for assembling the meanings of elements in a text into the total meaning of the text. By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. I intend the word ‘frame’ as used here to be a general cover term for the set of concepts variously known, in the literature on natural language understanding, as ‘schema’, ‘script’, ‘scenario’, ‘ideational scaffolding’, ‘cognitive model’, or ‘folk theory’. (p. 111)

Esta citação nos permite rastrear os conceitos para entender não somente as relações entre a Linguística Cognitiva e a Gramática das Construções Cognitiva, como também as razões por que princípios para a formação de palavras são os mesmos para a formação de significados, sendo a polissemia o vértice entre esses dois desdobramentos linguísticos. O significado lexical como núcleo da semântica de *frames* em sua origem nos leva ao entendimento de que a polissemia de “coxinha” se divide em duas esferas: (i) a polissemia sistemática relativa a todo substantivo no diminutivo; e (ii) a incidência da figuratividade relativa a esta palavra, especificamente.

Na esfera geral, o ponto de vista estabelece os limites medição e avaliação para o tipo de construção. Na esfera específica, promove deriva semântica própria da construção.

---

<sup>23</sup> Jesus (2016) retoma o conceito de *affordances* em sua abordagem cognitivista aos adjetivos privativos do português brasileiro.

(...) frames (the inputs to metaphoric mappings) are themselves viewpointed. There are many ways in which viewpoint may be involved in figurative uses of frames, in metonymic as well as metaphoric usages. (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 20)

Paralelamente, é preciso destacar um fenômeno independente: a mudança de estado. Nas próximas seções, pretendemos explicar o que é da esfera da figuratividade e o que é da ordem da mudança de estado.

#### **4.1 Da coxa humana à coxa do animal**

A nomeação de uma parte do corpo humano pela palavra “coxa” nos remete ao signo absolutamente arbitrário segundo Saussure (1916), que mencionamos no capítulo 2 para discutir por que “coxa” seria alocado no léxico enquanto “coxinha” seria alocado na morfologia numa abordagem que mantivesse aquela concepção de língua. Aqui, a questão retorna pela economia promovida pela nomeação de uma parte do corpo de alguns animais pela palavra “coxa”, que já nomeava uma parte do corpo humano.

Também no capítulo 2, esboçamos o conceito de metáfora que viria a se completar no início deste capítulo: uma correspondência unidirecional entre diferentes domínios. Nesse momento, podemos caracterizar o humano e o animal como dois domínios distintos, a fim de justificar nossa descrição do uso da palavra “coxa” para a nomeação de uma parte do corpo de um frango ou galinha como produto da metáfora.

Desde Lakoff e Johnson (1980), as metáforas são classificadas pelos domínios envolvidos. A metáfora estrutural, por exemplo, consistiria numa correspondência dentro do domínio SUSTENTAÇÃO.

A função de sustentar o corpo, desempenhada pelos membros inferiores, tanto do corpo humano quanto do corpo do frango/galinha, pode ser considerada a motivação para a correspondência entre aspectos primários – no caso, os que dizem respeito à integridade estrutural. Por outro lado, também há a semelhança de forma entre os membros inferiores de seres humanos e os de frangos/galinhas, semelhança que já exploramos como motivação ao atribuímos à metáfora, no capítulo 2, a nomeação do telefone por “orelhão” e do elevado ou prédio por “Minhocão”.

Para ilustrar a convergência dos *frames* SUSTENTAÇÃO e FORMA, apresentamos as figuras a seguir:

Figura 3: Coxa humana.



Fonte:  
<https://sylviapellegrino.files.wordpress.com/2015/06/corpo-humano.jpg>

Figura 4: Coxa do animal.



Fonte: <http://www.abim.inf.br/plinio-correa-de-oliveira/>

Para Dancygier e Sweetser (2014), a metáfora e a metonímia são tipos de mescla. As autoras referem-se à classificação das mesclas por Fauconnier e Turner (2002) em *simplex*<sup>24</sup>, espelho, escopo único e duplo escopo, entre os quais apenas as de escopo único e as de duplo escopo podem ser metafóricas.

Apesar da presença de dois *frames* (SUSTENTAÇÃO e FORMA) na projeção do domínio humano para o não humano na nomeação de uma parte do corpo do animal, o *frame* que organiza a mescla é ANATOMIA, o que permite caracterizar a metáfora estrutural em questão como espelho.

A mirror network is an integration network in which all spaces – inputs, generic, and blend – share an organizing frame. (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 122)

A correspondência de restringir à função e à forma caracteriza o que Fauconnier e Turner (2002) denominam *projeção seletiva* (p. 47). Não são todos os elementos de um domínio que são projetados sobre todos os elementos do outro domínio. Além disso, nessa nomeação metafórica, podem-se constatar dois resultados previstos pelos autores: alto grau de rotinização (*entrenchment*) da mescla (p. 49) e a atuação do mais geral dos princípios neste modelo – Alcançar Escala Humana (p. 312).

Já a correspondência de preservar o que há de anatômico do domínio-fonte no domínio-alvo caracteriza o que Lakoff (1993) denomina **Princípio da Invariância**:

<sup>24</sup> Ferreira (2014) explora este tipo de mescla nas construções XYZ com o angulador “tipo” no português brasileiro.

Metaphorical mappings preserve the cognitive topology (that is, the image-schema structure) of the source domain, in a way consistent with the inherent structure of the target domain. What the Invariance Principle does is guarantee that, for container schemas, interiors will be mapped onto interiors, exteriors onto exteriors, and boundaries onto boundaries; for path-schemas, sources will be mapped onto sources, goals onto goals, trajectories onto trajectories; and so on. (p. 10)

Pelo Princípio da Invariância, é esperado da correspondência entre os domínios humano e animal que anatomia corresponda a anatomia. Forma num domínio espelha forma no outro, assim como função num domínio espelha função no outro.

Uma vez estabelecida a nomeação da parte do corpo animal por “coxa”, temos “coxa” como palavra polissêmica, exatamente como “jornal” no capítulo 2. A diferença é que “coxa” exhibe polissemia metafórica e “jornal” polissemia metonímica. Os significados passam a estar disponíveis para diferentes processos de formação de palavras, dentre os quais a gradação, o que torna “coxinha” uma construção herdeira da polissemia de “coxa” e “jornalzinho” uma construção herdeira da polissemia de “jornal”, construções nas quais atua a polissemia sistemática (medição de avaliação) relativa ao processo de formação de substantivos no diminutivo.

## 4.2 Da coxa crua à frita

Fauconnier e Turner (2002) distinguem entre os princípios que organizam os quatro tipos de mescla e **relações vitais** que podem atuar em cada um deles. Em qualquer das relações vitais, atuam a compressão e a descompressão, tendo em vista alcançar escala humana.

Segundo os autores, mudança e identidade são duas das relações vitais e podem estar associadas, sendo a identidade a relação vital prioritária (p. 115). Na seção anterior, o aproveitamento da forma “coxa” para nomear uma parte do corpo animal a partir de uma parte do corpo humano foi atribuído à metáfora. Nesta seção, pretendemos ressaltar que a eficiência do aproveitamento é maximizada graças às relações vitais mudança e identidade.

Para isso, ressalte-se que “coxa” nomeia (i) uma parte do corpo humano vivo, (ii) uma parte do corpo humano morto, (iii) uma parte quando integrada ao corpo humano e (iv) uma parte quando desintegrada do corpo humano. Ser a mesma parte nesses diferentes estados revela que mudança e identidade se encontram associadas. A identidade da parte chamada coxa é percebida pelo olho “identidade” que os autores atribuem à mente humana:

“The mind is not a Cyclops; it has more than one *I*; it has three – identity, integration, and imagination – and they all work inextricably together” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 15).

Na projeção entre o domínio humano e o animal, mudança e identidade seguem associadas na nomeação de (i) uma parte do corpo do animal vivo, (ii) a mesma parte do animal quando o animal muda do estado vivo para morto, (iii) a mesma parte do animal separada do corpo vivo, (iv) a mesma parte do animal separada do corpo morto e (v) a mesma parte do animal quando a parte separada muda do estado cru para qualquer outro estado autorizado pelo *frame* ALIMENTAÇÃO. A própria variação entre a nomeação do animal por “frango” ou “galinha”, que foge aos objetivos desta dissertação, pode ser considerada como resultado da percepção de mudança de estado.

Figura 5: "Coxa" como parte separada e crua.



Fonte:  
[https://png.pngtree.com/element\\_origin\\_min\\_pic/16/08/25/1757beb7774c477.jpg](https://png.pngtree.com/element_origin_min_pic/16/08/25/1757beb7774c477.jpg)

Figura 6: "Coxa" como parte separada e frita.



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT-NINEuEIIMCdI0Y5ZchxZFKz3cugi0dFIKpYik9duBwhQqdJL9g>

Entre as mudanças de estado autorizadas pelo *frame* ALIMENTAÇÃO, no qual predomina o fator cultural que confere à cognição o caráter situado, a saliência da mudança de cru para frito nos remete à explicação proposta por Fillmore (1977b) de por que existe a forma “apple-core” em inglês:

An apple core is not a particular well-defined portion of an apple, such that nature has provided the seam between the apple-core and the rest of the apple. An apple-core is that part of the apple that somebody who eats apples the way most of us do has left uneaten. In order to understand the word, you have to know how people in our culture eat apples. There would simply be no need for such a word in a community in which people typically ate the entire apple, either swallowing or spitting out the seeds. (p. 73)

Assim como “apple-core” só faz sentido numa cultura em que se come maçã e se come maçã até certa parte da maçã, a prevalência do estado frito sobre o cru só faz sentido numa cultura em que se come frango/galinha, uma das partes comestíveis é a coxa, e uma das formas de preparar a coxa para comer é por fritura.



O olho que acompanha todas as mudanças de estado dispensa a criação de uma palavra para nomear cada estado, produzindo polissemia sem figuratividade quando as relações vitais atuam dentro do mesmo domínio. A figuratividade limita-se à projeção entre os domínios, razão por que entendemos ser necessário distinguir entre a metáfora “da coxa humana à coxa do animal” (seção anterior) e a mudança de estado “da coxa crua à coxa frita” (esta seção).

### 4.3 Da coxa frita à iguaria

Apesar de não resultar da figuratividade, a nomeação por “coxa” de uma parte do animal quando separada do corpo morto e frita para alimentação serve como base para (i) a formação de um substantivo no diminutivo e (ii) a incidência da figuratividade. No capítulo 2, tratamos da polissemia sistemática relativa ao processo de formação de substantivos a partir de substantivos por gradação. Neste capítulo, podemos acrescentar que o olho “identidade” da mente humana justifica não atribuir à polissemia sistemática dos substantivos no diminutivo a participação da figuratividade, diferentemente da polissemia dos substantivos deverbais segundo Basilio (2004a).

Agora, encontramos outro epifenômeno: a não mudança de classe. Afinal, o que motiva a conceptualização por gradação é medir ou avaliar o mesmo, não outro.

No caso da nomeação por “coxa”, desde uma parte do animal integrada ao corpo vivo até essa mesma parte do animal separada do corpo morto e no estado frito, a formação de “coxinha” se associa à polissemia sistemática, a qual vai da medição à avaliação daquela parte que continua sendo a mesma desde o estado mais distante do que se qualifica como comestível por razões históricas, sociais e culturais. Trata-se de nova nomeação, da qual o grau é constitutivo, e esta fixa na forma a função dimensiva e no referente o estado predominante dentre outros possíveis no *frame* ALIMENTAÇÃO.

Ressalte-se que, ainda estamos falando de “coxinha” como nome da parte do animal nesse estado e não da configuração mais recente da iguaria, feita à imagem da parte do animal frita. Por isso, estamos atribuindo a nova nomeação ao ponto de vista dimensivo e à mudança de estado do referente, nomeação ainda da parte do animal no estado frito.

Uma terceira nomeação se segue a essa, resultante de nova correspondência interdomínios, “da coxa frita à iguaria”, em que a projeção seletiva se restringe à imagem da parte do animal sobre o salgado. Entendemos que o elemento é a imagem, e não a

função, por envolver a cor, razão por que caracterizamos a segunda nomeação como uma **metáfora de imagem**.

Image metaphors appear to be differently motivated, and subject to different constraints, from conceptual metaphors. Human perceptual structure is constantly mapping inputs onto each other, without necessarily involving inferential structure or broader categorial generalizations. (...) Not a great deal is known about image metaphors as a class, but they are clearly structurally distinct from conceptual metaphors. Another way in which image metaphors are different from conceptual metaphors is that they don't tend to have a basis in experiential correlation. (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 60)

Acompanhamos as autoras no entendimento de que uma metáfora de imagem se distingue por não deflagrar inferências e por não ter base experiencial. Assim, a nomeação da coxa do animal a partir da coxa do homem se qualifica como uma metáfora estrutural, enquanto a nomeação do salgado a partir da coxa do animal num estado se qualifica como uma metáfora de imagem. O Princípio da Invariância agora atua na correspondência entre o que é exterior e o que é exterior.

Dancygier e Sweetser (2014) se abstêm de vincular a metáfora de imagem a um tipo de mescla. A presença de um único *frame* organizador também nos parece indicar que se trata de uma mescla do tipo espelho.

A segunda nomeação metafórica que constitui a polissemia de “coxinha” traz de volta a variação entre “frango” e “galinha”, que, na seção anterior, atribuímos à mudança de estado. Agora, pela predicação “de galinha” ou “de frango” que pode acompanhar tal nomeação, outro ponto que a distingue da primeira nomeação metafórica.

Lembremos que a segunda nomeação, não figurada, devida estritamente a relações vitais, foi da parte do corpo do animal no estado frito. Essa base conceptual licencia à predicação “de frango/galinha” interpretação partitiva quando “coxinha de frango/galinha” significa a parte do corpo do animal frita (nomeação por mudança de estado) e interpretação material quando “coxinha de frango/galinha” significa o salgado cuja imagem é tal qual a da coxa do animal frita (nomeação por metáfora de imagem), uma vez que a terceira nomeação (a segunda por metáfora) remete ao recheio que os dados revelam poder ser de queijo, peru, jaca, entre outros.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Lisboa Jr. (2017) oferece uma abordagem cognitivista ao percurso histórico da preposição “de” do latim ao português, com destaque aos casos genitivo e ablativo, origens da interpretação partitiva e material no português brasileiro. O foco do autor na polissemia metonímica é a principal afinidade com esta dissertação.

Para ilustrar a analogia entre a coxa do animal no estado separado do corpo e frito, no domínio animal, e um salgado moldado na forma da coxa do animal, no domínio alimento, apresentamos as figuras a seguir:

Figura 7: “Coxinha” como parte do animal no estado frito nomeada por mudança de estado.



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT-NINEuEIIMCdI0Y5ZchxZFKz3cugi0dFlKpYik9duBwhQqdJL9g>

Figura 8: “Coxinha” como salgado nomeado por metáfora de imagem.

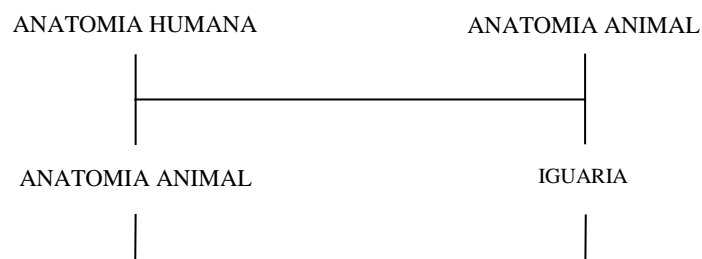


Fonte: <https://www.varanda.com.br/catalog/product/gallery/id/3359/image/19694/>

A distribuição entre os usos da palavra “coxinha” sozinha e predicada em função dos recheios remete ao grau de rotinização do recheio frango/galinha. Trata-se de distribuição que interessa à concepção do significado como baseado no uso e na experiência (v. cap. 1), mas foge aos objetivos desta dissertação.

As duas metáforas identificadas neste capítulo podem ser assim ilustradas:

Figura 9: Metáfora estrutural e metáfora de imagem.



Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar de serem tipologicamente distintas e de produzirem duas nomeações que constituem a polissemia de “coxinha”, as duas metáforas têm em comum domínios-alvo não

mais abstratos que os domínio-fonte: “Shared frame structure of the right kinds (...) seems to license mappings at the same level of concreteness” (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 71).

Descritos os significados que consideramos como relativos à nomeação metafórica, uma parte do corpo do animal e uma iguaria da culinária brasileira, passemos aos significados que consideramos como relativos à nomeação metonímica, o policial e o eleitor.

## 5 NOMEAÇÃO METONÍMICA E SUBJETIVIZAÇÃO

Ao longo desta dissertação, a metonímia vem sendo definida como correspondência interna a um domínio. No entanto, diferentes definições de metonímia convivem na literatura (cf. BASILIO, 2011; PEIRSMAN e GEERAERTS, 2006).

Na Gramática das Construções Cognitiva, a metonímia (assim como a metáfora) não somente atua na formação de significados, resultando em polissemia, como também constitui modelos cognitivos idealizados. Neste capítulo, pretendemos explicar a formação de outros dois significados associados à palavra “coxinha” com base no processo cognitivo denominado na literatura cognitivista como metonímia: (i) o relativo ao policial militar do Estado de São Paulo; e (ii) o relativo a um perfil de eleitor.

Para isso, empregamos as definições de metonímia propostas por Lakoff (1987), Peirsman e Geeraerts (2006) e Dancygier e Sweetser (2014)<sup>26</sup> por guardarem entre si a afinidade conceitual que confere unidade à abordagem aqui pretendida. Nesta abordagem, retomamos e expandimos o conceito de subjetivização, que, no capítulo 2, apresentamos para caracterizar a polissemia sistemática dos substantivos formados por gradação.

Metonymy is one of the basic characteristics of cognition. It is extremely common for people to take one well-understood or easy-to-perceive aspect of something and use it to stand either for the thing as a whole or some other aspect or part of it. (LAKOFF, 1987, p. 77)

Para o autor, essa relação em que um aspecto está por (*stands for*) outro caracteriza a **metonímia**, enquanto o MCI que contém essa relação caracteriza um **modelo metonímico**. Por sua vez, há os tipos de **efeitos metonímicos prototípicos**, que podem ser: estereótipos sociais, exemplos típicos, ideais, referências<sup>27</sup>, geradores, submodelos e exemplos salientes. Os tipos de efeitos e os modelos não se confundem com o processo cognitivo.

<sup>26</sup> Divergimos das autoras em não distinguirem entre metonímia e meronímia no tratamento da relação entre parte e todo (cf. p. 101).

<sup>27</sup> Tradução nossa para *paragons*. Dessa forma, Gisele Bünchen seria uma referência de beleza, assim como Brastemp, uma referência de qualidade.

## 5.1 Do salgado ao policial

Nesse universo conceitual, os significados relativos ao policial e ao eleitor podem ser atribuídos à metonímia e associados ao efeito metonímico do tipo estereótipo social, distinto, por sua vez, do MCI de coxinha como modelo metonímico. Com isso, chegamos a uma conclusão muito semelhante à da Basilio (2011) sobre os nomes de agente em –ista, como *gerativista* e *cognitivista*, que, para a autora, se formam “(...) a partir da metonímia Indivíduo por Adesão Mental – aliás uma metonímia que, para além de sua função no léxico, está na base da maior parte dos preconceitos sociais” (p. 108).

Nesta nossa exploração vertical de um modelo da Linguística Cognitiva, o que a autora chama de preconceitos sociais é um tipo de efeito metonímico, o estereótipo social, que também se aplica aos dois significados de “coxinha” que atribuímos à metonímia. No entanto, a formação do significado relativo ao policial se distingue da formação do significado relativo ao eleitor no que tange ao *stand for*: a comida por quem come, quanto ao policial, e o policial por quem gosta de policial, quanto ao eleitor.

Para avançar na identificação dos elementos quem come e comida como participantes da metonímia de que resulta a nomeação do policial, recorreremos aos outros autores mencionados acima. Em Dancygier e Sweetser (2014), encontramos a afinidade com Lakoff (1987) de considerar os processos cognitivos como vinculados a um ponto de vista, em linha com a definição de *frame* (v. cap. 4):

Metonymy creates viewpoint too: although the person in question may or may not resent it in particular circumstances, being viewed as another pair of hands does not mean that your cognitive and emotional viewpoints are being included in the construal. (p. 10)

A teoria popular que nos permite rastrear o ponto de vista diz que a zona norte da cidade de São Paulo concentra enormes áreas reservadas à Polícia Militar do Estado de São Paulo; que, naquela região e em outras, é comum que os policiais militares parem as viaturas nas padarias para comerem; e que usualmente os policiais comem/comiam coxinhas. Tais dados permitem aventar que a nomeação do policial por “coxinha” consiste na metonímia comida por quem come: “(...) places, buildings, and objects which are tightly linked parts of cultural or other frames can be used to name those frames as a whole, or to name aspects of them” (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 101).

Há usos de “coxinha” com esse significado, tanto em uso quanto em menção:

- (1) “Ele tava com um Opala e um Fusca lotado de arma pra caso chegasse coxinha (policial) na quebrada.” (v. Anexo)
- (2) “Coxinha é um termo pejorativo usado para designar PMs.” (v. Anexo)
- (3) “Apesar das ironias, como uma manifestante que segurava uma coxinha para provocar os policiais, não houve confronto.” (v. Anexo)

O dado (1) exhibe a marca que, no capítulo 1, indicamos como evidência de que o significado relativo ao policial é mais lectal que o significado relativo à iguaria. O dado (2) evidencia a pejoratividade. O dado (3) é uma evidência de que a relação entre a iguaria e o policial está presente na consciência dos falantes, o que fortalece nossa tese de que a nomeação do policial é motivada pela contiguidade entre quem come e a comida.

Passemos aos autores que nos parecem fornecer a chave para a identificação dos elementos escolhidos pela cognição para constituírem um modelo metonímico.

(...) metonymical types can all be related to the prototypical core of spatial part-whole contiguity. The relations between this core case and the derived types (and between the extended types among each other) can be plotted against three dimensions: strength of contact (going from part-whole containment over physical contact to adjacency without contact), boundedness (involving an extension of the part-whole relationship towards unbounded wholes and parts), and domain (with shifts from the spatial to the temporal, the spatio-temporal and the categorial domain) (PEIRSMAN; GEERAERTS, 2006, p. 270)

Para os autores, **força de contato, contenção e domínios**, não apenas domínios, são as dimensões em que a metonímia atua. Os autores distinguem entre **contiguidade no espaço, contiguidade no tempo e contiguidade em ações, eventos e processos**, e é esta a que nos parece explicar tanto a nomeação do policial a partir da iguaria quanto a nomeação do eleitor a partir do policial.

Os padrões metonímicos motivados por essa manifestação da contiguidade são (i) **subevento & evento complexo**, (ii) **ação/evento/processo & estado**, (iii) **ação/evento/processo & participante**, (iv) **causa & efeito** e (v) **participante & participante**.

No padrão (iii), o participante pode ser agente, paciente, lugar, tempo ou instrumento, sendo o agente o participante prototípico. O agente pode estar por ação/evento/processo ou vice-versa; ação/evento/processo pode estar pelo paciente;

ação/evento/processo pode estar pelo lugar ou vice-versa; ação/evento/processo pode estar pelo tempo ou vice-versa; o instrumento pode estar por ação/evento/processo ou vice-versa.

No padrão (v), espaço e tempo são subfocalizados. O controlador pode estar pelo controlado ou vice-versa; o possuidor pode estar pelo possuído ou vice-versa; o produtor pode estar pelo produto ou vice-versa; e o lugar pode estar pelo produto.

Neste outro universo conceitual, os significados relativos ao policial e ao eleitor podem ser associados à dimensão força de contato: contato entre o policial e o salgado contido pelo espaço (*bounded*), adjacência entre o eleitor e o policial não contida pelo espaço (*unbounded*). A nomeação do policial a partir do salgado, objeto desta seção, se vincularia ao padrão participante & participante na contiguidade em ações, eventos e processos, pelo contato entre quem come e o que come como uma relação entre um participante ativo e um participante passivo, em que o possuído está pelo possuidor.

## 5.2 Do policial ao eleitor

O fato de que foi após as manifestações políticas iniciadas em 2013 que a palavra “coxinha” passou a nomear também um perfil de eleitor está sendo tomado, nesta dissertação, como evidência de que “(...) a mudança não tem a sua origem dentro da língua, mas no uso da língua, isto é, em factores externos à estrutura da língua” (SOARES DA SILVA, 2006, p. 88). Nos termos previstos pela Gramática das Construções Cognitiva, trata-se da formação de um modelo metonímico com o efeito de estereótipo social, tal qual a nomeação do policial.

Como “(...) a metonímia vem responder aos princípios de maximização do sucesso cognitivo e comunicativo e minimização do esforço linguístico” (SOARES DA SILVA, 2006, p. 143), favorece a formação de um novo significado mais que a formação de uma nova construção. Esta conclusão se mantém válida mesmo à luz de desdobramentos mais recentes do modelo:

Fillmore has hypothesized that the meanings of all words are characterized in terms of frames, a hypothesis that has held up for over thirty years.

In recent years, neural computational models of frames have been constructed in the Neural Theory of Language (NTL) group at the International Computer Science Institute (ICSI) at Berkeley. The grammar and the lexicon are characterized in NTL theory in terms of what are called "constructions" – neural circuitry linking speech (and writing and signs) to meanings, that is, frames, metaphors, and so on, which activate mental simulations. The mental simulations carry out inferences. The result is a



collection of neural computational models of words, grammar, language understanding, and language acquisition. (LAKOFF, 2009, p. 251)

Soares da Silva (2009) vê, nesta evolução do modelo, o enfoque ao caráter situado da cognição, em detrimento do caráter distribuído, que nos parece predominante na origem do modelo. Afora isso, o modelo mantém o emprego de *frames* e dos processos cognitivos, bem como a construção como unidade da língua.

O foco no aparato mental humano guarda relação direta com a categorização como causa da evolução da espécie:

Categorization is therefore a consequence of how we are embodied. We have evolved to categorize; if we hadn't, we would not have survived. Categorization is, for the most part, not a product of conscious reasoning. We categorize as we do because we have the brains and bodies we have and because we interact in the world the way we do. The first and most important thing to realize about categorization is that it is an inescapable consequence of our biological makeup.

We are neural beings. Our brains each have 100 billion neurons and 100 trillion synaptic connections. It is common in the brain for information to be passed from one dense ensemble of neurons to another via a relatively sparse set of connections. Whenever this happens, the pattern of activation distributed over the first set of neurons is too great to be represented in a one-to-one manner in the sparse set of connections. Therefore, the sparse set of connections necessarily groups together certain input patterns in mapping them across to the output ensemble. Whenever a neural ensemble provides the same output with different inputs, there is neural categorization. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 26)

Assim concebida, a categorização de significados, que resulta em polissemia no âmbito da linguagem, corresponde à categorização de referentes no mundo tal como experienciado. Trata-se de categorizar o policial como coxinha e de categorizar o eleitor como coxinha como obra da circuitaria neural, e não do ativismo político consciente, razão por que esta dissertação trata o fenômeno no terreno da Linguística, em geral, e da Linguística Cognitiva, em particular.

A categorização do policial a partir da iguaria e a categorização do eleitor a partir do policial remetem ao princípio *ausência de propriedades comuns*, previsto por Lakoff (1987) como organizador da categorização radial. Uma questão que se coloca é se há um único MCI de coxinha em que parte do corpo humano, parte do corpo animal, iguaria, policial e eleitor se distribuem radialmente ou se há um MCI de coxinha relativo à iguaria (em que os tipos de coxinha por recheio ou estabelecimento indicados no capítulo 3 se distribuem radialmente),

um MCI de coxinha relativo ao policial (em que os tipos de policial – militar, civil, federal, rodoviária federal – se distribuem radialmente) e um MCI de coxinha relativo ao eleitor (em que eleitores de diferentes matizes ideológicos se distribuem radialmente). Nossa abordagem propicia a segunda opção, sem que se recaia na hipótese de homonímia entre diferentes palavras “coxinha”, uma vez que as opções aventadas dizem respeito a diferentes modelos cognitivos (metafóricos, como no capítulo 4, e metonímicos, como neste capítulo), e não a diferentes formas. A construção “coxinha” consiste num par FORMA-SIGNIFICADO em que se deve tomar “significado” como conjunto de três MCI, razão por que se caracteriza como polissêmica.

Empregando os conceitos fornecidos por Peirsman e Geeraerts (2006), podemos caracterizar a nomeação do eleitor a partir do policial por adjacência (ausência de contato físico) no padrão participante & paciente associado à contiguidade em ações, eventos e processos. A adjacência aqui está sendo caracterizada por se tratar de um perfil de eleitor que é a favor da polícia, gosta de policial, tira fotos com policiais em manifestações. Logo, se põe em contato físico com o policial, mas não tem sua nomeação como coxinha condicionada a estar perto de um policial ou a residir na zona norte de São Paulo, onde se concentram batalhões e clubes militares. Lembremos que parte dos manifestantes em 2013, e mais recentemente, incluíam em suas reivindicações o retorno do regime militar.

Resta-nos retomar o conceito de subjetivização para concluir a análise dos significados relativos ao policial e ao eleitor. A própria distinção, segundo Lakoff (1987), entre metonímia, modelo metonímico e efeito metonímico permite situar a subjetivização no âmbito dos efeitos. O preconceito social que vimos Basilio (2011) associar à metonímia Indivíduo por Adesão Mental e associamos ao efeito estereótipo social agora pode ter sua associação a esse efeito atribuída ao ponto de vista.

Outro dado histórico-social que pode contribuir para essa conclusão é que a nomeação do policial como coxinha é criada pelo morador da periferia, assim como a nomeação do eleitor como coxinha é criada pelo eleitor que não se vê como afeito à polícia. Há, portanto, deslocamento de ponto de vista nessas nomeações, fonte possível do juízo de valor negativo.

Os dados evidenciam que (i) o significado associado à palavra “coxinha” é relativo a um tipo de eleitor, (ii) tal significado guarda uma relação com a geografia da cidade de São Paulo em sua dimensão socioeconômica e (iii) com a pejoratividade:

- (4) “Praia é coisa de coxinha que gosta de rúcula e mora no Jabaquara.” (v. Anexo)

- (5) “Já fui chamado de coxinha até por jornalista. Não vejo nada de pejorativo nisso. O próprio *Estadão* tratou na manchete os atuais manifestantes de coxinhas. Não acho que o *Estadão* ofendeu ninguém com isso.” (v. Anexo)

No dado (4), a remissão explícita a um bairro da zona sul da cidade pode ser considerado como uma evidência de que o contato com os policiais na zona norte se estende à adjacência por afinidade, o que é previsto por Peirsman e Geeraerts (2006) como esmaecimento da força de contato. No dado (5), uma declaração de Fernando Haddad, quando ainda prefeito de São Paulo, a pejoratividade é pressuposta por negação.

Soares da Silva (2006) distingue entre definições de subjetivização. Como vimos assinalando ao longo desta dissertação, a subjetivização que nos parece atuar na polissemia sistemática dos substantivos formados por gradação e na formação dos significados relativos ao policial e ao eleitor não é a que, para uma linha de estudos, contribui para a gramaticalização, mas sim a que, para outra linha de estudos, contribui para a polissemia.

Notar que, sobretudo neste sentido de Traugott, a subjectivização envolve o mecanismo básico da metonimização, na medida em que são recrutados significados (proposicionais) para exprimir perspectivas, atitudes, crenças, etc. de quem os veicula. (p. 106)

Metaforização, metonimização (incluindo a inferenciação desencadeada e também a subjectivização e a intersubjectivização: Traugott & Dasher 2002: 34), generalização, especialização e, por serem conceitos novos, subjectivização e intersubjectivização constituem os mecanismos lexicogenéticos básicos da mudança semântica, sendo assim os caminhos que conduzem à polissemia. (p. 107)

Essas citações nos permitem concluir este capítulo ratificando nosso entendimento da subjetivização como a manifestação subjetiva do ponto de vista e, portanto, como fenômeno distinto dos processos cognitivos, ressalvada a afinidade entre subjetivização e metonímia. A polissemia sistemática dos substantivos em grau (v. cap. 2) nos leva a dissociar a subjetivização da metonímia no âmbito geral da polissemia de “coxinha” e a acompanhar a associação apenas no âmbito específico, exatamente onde se situam os significados relativos ao policial e ao eleitor.

## 6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, descrevemos e explicamos a polissemia da palavra “coxinha” no português brasileiro, em geral, e no português paulista, em particular, com base na Linguística Cognitiva. A abordagem se formulou segundo a Gramática das Construções Cognitiva, modelo que enfatiza a criação de significados novos a partir de significados rotinizados.

Para a Linguística Cognitiva, significados são produtos da conceptualização por uma cognição situada e distribuída, e o desenvolvimento da Gramática das Construções Cognitiva permite verificar que o foco foi se deslocando da distribuição, com o ponto de vista difundido numa teoria popular, para a situacionalidade, com a arquitetura cerebral determinando os processos cognitivos. Apesar disso, o modelo se mantém voltado para a categorização, da qual a polissemia é um tipo.

A construção gramatical “coxinha” foi tomada em sua função de nomear e sua polissemia foi distribuída em dois níveis: um relativo ao processo de formação dos substantivos no diminutivo e outro relativo à deriva semântica da construção como produto desse processo. Dessa forma, a análise de “coxinha” permitiu identificar o papel do ponto de vista tanto no nível geral, em que medição e avaliação são os limites que caracterizam a polissemia sistemática relativa ao processo de formação de palavras, quanto no nível específico, em que a polissemia da palavra foi atribuída à metáfora para a nomeação de uma iguaria e à metonímia para a nomeação do policial militar e de um perfil de eleitor.

Tais significados não exibem o mesmo grau de rotinização na língua. O relativo à iguaria encontra-se rotinizado na língua enquanto os relativos ao policial e ao eleitor parecem mais restritos a uma variedade da língua. Isso nos levou a incluir a Sociolinguística Cognitiva como aporte teórico, especialmente no tratamento dos dados, que revelaram que o falante indica quando se trata dos significados mais dialetais.

A adoção da Gramática das Construções Cognitiva exigiu cuidados terminológicos, como associar o caráter perspectivista do significado a um ponto de vista, o que permitiu entender por que autoras filiadas ao modelo insistem que tanto a metáfora quanto a metonímia são “viewpointed”. A oscilação entre “perspectiva” e “ponto de vista” nos pareceu indesejada numa dissertação que se dispõe a explorar especificidades de um modelo, e não aspectos gerais da teoria.

Entretanto, o modelo, apesar de enfatizar o papel do ponto de vista na formação do significado, deixa em aberto como abordar o juízo de valor, que se manifesta fortemente nos significados mais recentes: o que diz respeito ao eleitor e o que diz respeito ao policial militar do Estado de São Paulo. Por sua vez, a Linguística Funcional já havia formulado o conceito de subjetivização, originalmente associado ao fenômeno da gramaticalização. Era preciso capturar do conceito sua natureza subjetiva sem trazer consigo a discussão sobre gramaticalização, assim como era necessário dissociar a abordagem pretendida nesta dissertação da que se vem chamando abordagem funcional centrada no uso, exatamente porque nos parece cuidar de consequências, não de causas, causas estas que nos parecem ir além da metáfora e da metonímia.

O interesse primário nos significados mais recentes, que atribuímos à metonímia, nos termos da teoria, nos levou a situar o juízo de valor no âmbito dos efeitos metonímicos, nos termos do modelo. O processo e seus efeitos, por sua vez, são distintos do próprio juízo de valor, que associamos ao ponto de vista com que a contiguidade é experienciada, ora por força de contato, ora por adjacência.

O interesse secundário nos significados mais rotinizados, que atribuímos à metáfora e à mudança de estado, nos levou a remontar a rede de significados e a discernir entre os níveis acima estipulados, em linha com estudos que caracterizam a polissemia como sistemática quando inerente a um processo de formação de palavras. A literatura já associava a formação de substantivos a partir de verbos a uma polissemia caracterizada como sistemática porque circunscrita entre uma interpretação verbal e uma interpretação nominal pelo próprio processo de formação de palavras, e esta dissertação passou a associar a formação de substantivos por grau a uma polissemia igualmente caracterizada como sistemática porque circunscrita entre medição e avaliação pelo próprio processo de formação de palavras.

Isso exigiu resgatar a posição sobre a formação de palavras como fenômeno semântico, e não como fenômeno morfológico, para dar conta do que estamos chamando de nível geral da polissemia de “cozinha”. A generalização foi propiciada pelo conceito de polissemia sistemática, que necessariamente leva em conta o processo de formação da palavra tomada como construção gramatical.

No nível específico, situamos os significados dos quais partimos – iguaria, policial e eleitor –, os atribuímos aos processos cognitivos previstos pela teoria e pelo modelo e destacamos o papel do ponto de vista. Nele a polissemia de “coxinha” se perfaz em quatro MCI: dois metafóricos (anatomia animal e iguaria) e dois metonímicos (policial e eleitor).

Com isso, o juízo de valor tem lugar tanto na polissemia do processo, na distinção entre medição e avaliação, quanto na polissemia do produto desse processo, uma construção gramatical com complexidade estrutural. Assim, acreditamos ter justificado a hipótese segundo a qual os processos cognitivos, metáfora e metonímia, não bastam para explicar o juízo de valor constitutivo da polissemia da palavra “coxinha”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- BASILIO, Margarida. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. *In*: HEYE, Jürgen (org.). **Flores verbais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BASILIO, Margarida. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 47, 2004a.
- BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004b.
- BASILIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. **ReVEL**, edição especial, n. 5, 2011.
- BASILIO, Margarida; BEZERRA, Maria Auxiliadora. A noção de grau na plenitude de sua natureza semântica, expressiva e funcional. *In*: SILVA, José Romerito. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Figurative language**. New York: Cambridge University Press, 2014.
- ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco**. Tradução: Ana Thereza Vieira. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Rosângela. **Um tipo de construção XYZ: nova proposta de análise**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado, 2014. Orientadora: Maria Lucia Leitão de Almeida.
- FILLMORE, Charles. The case for case reopened. *In*: COLE, P; SADOCK, J. (ed.). **Syntax and semantics 8: grammatical relations**. New York: Academic Press, 1977a.
- FILLMORE, Charles. Scenes-and-frames semantics. *In*: ZAMPOLLI, Antonio (ed.). **Linguistic structures processing**. Amsterdam, New York, Oxford: North-Holland Publishing Company, 1977b.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. *In*: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982.

GEERAERTS, Dirk. Prospects for the past: perspectives for cognitive diachronic semantics. In: WINTERS, Margaret E.; TISSARI, Heli; ALLAN, Kathryn (ed.). **Cognitive linguistics research: historical cognitive linguistics**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2011.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2009.

JESUS, Dedilene de. **Análise dos adjetivos privativos no português brasileiro**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado, 2016. Orientadora: Maria Lucia Leitão de Almeida.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaphor and thought**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, George. **The political mind: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics**. New York: Penguin Books, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LE MOS DE SOUZA, Janderson. **A distribuição semântica dos substantivos deverbais em –ção e –mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado, 2010. Orientadora: Maria Lucia Leitão de Almeida. Co-orientador: Carlos Alexandre Gonçalves.

LE MOS DE SOUZA, Janderson. “Alinhamento”, “balanceamento”, “direção” e “suspensão”: constatações sobre os substantivos deverbais no português brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, 2012.

LE MOS DE SOUZA, Janderson. Chunks em moldes: hipótese de diálogo entre Bybee e Booij. **Cadernos do NEMP**, Rio de Janeiro, v. 6, 2015.

LISBOA Jr., Jorge Luiz Ferreira. **A semântica do genitivo em português: corporificação, polissemia metonímica e gramaticalização**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, 2017. Orientadora: Maria Lucia Leitão de Almeida.

MARQUES, Priscilla; ALONSO, Karen; PINHEIRO, Diogo. Do signo à construção: o legado saussuriano e as abordagens construcionistas da gramática. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, 2017.



NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani de Carvalho. Em busca de uma história linguística. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 309-342, 2012.

PEIRSMAN, Yves; GEERAERTS, Dirk. Metonymy as a prototypical category. **Cognitive linguistics** 17-3, 2006.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. História do português paulista: modelos e análises. In: SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (org.). **História do português paulista: modelos e análises**. Campinas: UNICAMP/Publicações, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1972 [1916].

SILVA, José Romerito. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2014.

SOARES DA SILVA, Augusto. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

SOARES DA SILVA, Augusto. A sociolinguística cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. **Revista portuguesa de humanidades: estudos linguísticos**, 13, 2009.

SOARES DA SILVA, Augusto. (Inter)subjectificação na linguagem e na mente. **Revista portuguesa de humanidades: estudos linguísticos**, 15, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language** 65, 31-55, 1989.

TRAUGOTT, Elizabeth. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, Raymond (ed). **Motives for language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## ANEXO

### I. OCORRÊNCIAS DO PRIMEIRO PERÍODO: 1894 a 1999

#### **Coxinha como iguaria.**

A primeira ocorrência da palavra, datada de 16/06/1894, no suplemento denominado *Caderno Geral*.

Trecho da reportagem e *link*:

Estavamos enganados. O alto era o salvador da situação, um *pae da pátria*; tinha toda razão quando nos havia convidado para comer. A seu lado estava um grande cesto contendo almoço suficiente para 3 ou 4 pessoas. Foi pouco para nós todos, mas ficámos contentes para não dizer satisfeitos; só não ficou contente o meu amigo e nosso infatigável companheiro de ... prosa, Adalberto C., de quem ouvi a seguinte exclamação:

< Tinha fome para comer um boi e encontrei uma **coxinha** de galinha!

O resto da viagem correu sem incidente notável. Desembarcamos na estação Ingleza às 10 horas e cada um, fazendo-se criado de si mesmo; levou a sua mala á estação da Companhia Balneária. Em seguida dirigimo-nos ao restaurante mais próximo, *Maison Doré*, se não me engano, onde comemos um bife á Cavallo, á galope, afim de que pudesse-mos a apanhar a barca *Piracicaba* que deixava o porto às 11;12.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/procura/#!/coxinha/Acervo///1/1890/1894/6/>

### II. OCORRÊNCIAS DO SEGUNDO PERÍODO: 2000 a 2012

#### **Ocorrências de uso relacionado aos policiais militares do Estado de São Paulo.**

(1) No artigo, a população carcerária do Carandiru já usava a palavra como designação do policial. Datada em 03/10/2001 e encontrada no *Caderno 2*.

Filme retrata todas as faces da Detenção

Assim que a porta de acesso às muralhas da Casa de Detenção se abre, os presos confinados ao Pavilhão 9, logo em frente, manifestam-se aos berros. **Coxinha** é a palavra mais ouvida, seguida de outros palavrões impublicáveis. Os xingamentos têm endereço certo. Eles são dirigidos aos policiais de guarda e ao sargento que acompanha a equipe de filmagem do documentário *Prisioneiro da Grade de Ferro*, comandada por Paulo Sacramento. Logo depois, os outros participantes do grupo serão brindados com adjetivos mais ou menos fortes, dependendo do destinatário.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20011003-39432-spo-56-cd2-d12/not/busca/Coxinha>

(2) Ocorrência de Coxinha como termo relativo ao policial militar do Estado de São Paulo. Datada de 28/05/2006 e localizada no caderno *Cidades*.

Nem todo bandido é ruim

Josias cresceu numa família ligada ao PCC.

**Como foi a sua infância?**

**Como você entrou?**

Cansei de ver irmão com fome e minha mãe drogada. Ela perdeu moral no *crack*. Já vi apanhar de gerente (*do PCC*) com chicote. Era pra tá morta. Foi a tia (*do PCC*) que salvou. Pensei: vou roubar mais e melhor. Fugi pro meu primo, fiscal de lotação do PCC. Na primeira noite que cheirei, roubei. Tinha 15 anos. Meu tio avisou: se vacilar, eu te mato. Se for parente, pro PCC, não importa. Tem que matar. Briguei com um maluco no forró. O tio me puxou. “Tá louco? Quer me arrastar? Ele tava com um Opala e um Fusca lotado de arma pra caso chegasse **coxinha** (*policial*) na quebrada.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20060528-41130-spo-56-cid-4-not/busca/Coxinha>

(3) Explicação do termo “coxinha”, também relacionado ao policial. Está datado de 30/05/2007 e se encontra no caderno *Cidades*.

#### **Lista causa guerra entre policiais**

De imediato, coronéis da PM consideram o caso como uma represália. “Estão tentando desviar a atenção do material apreendido”, disse um coronel. “Quando eu passar do lado de um **‘coxinha’**, não vou cumprimentar”, rebateu um delegado próximo da cúpula da Polícia Civil. **Coxinha** é um termo pejorativo para designar PMs.

Na sexta-feira em que o material foi apreendido, os PMs foram acusados pela Polícia Civil de terem demorado oito horas para entregar todos os documentos à Corregedoria da Polícia Civil. A PM nega e garante que seus homens tentaram entregar todo o material ao 9º DP às 15h15. Eram 11h30 quando Chokr bateu seu Vectra.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20070530-41497-spo-33-cid-not/busca/Coxinha>

(4) Manifestantes na USP seguram coxinhas nas mãos com o intuito de ofender policiais. A ocorrência tem data de 28/10/2011 e se encontra no caderno *Cidades*.

USP: flagrante de maconha acaba em quebra-quebra...

Mais alunos foram se aglomerando e a tentativa de professores e PMs de contornar a situação foi interrompida. Por volta das 20h, já havia cerca de 400 alunos protestando contra a presença da PM na universidade e gritando palavras de ordem do tipo: “Maconha é natural, **coxinha** (*termo pejorativo para policial*) é que faz mal”, “Fora PM do mundo” e “Ditadura, assassinatos e tortura. Não esquecemos”.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20111028-43109-spo-37-cid-c1-not/busca/coxinha>

### III OCORRÊNCIAS DO TERCEIRO PERÍODO: 2013 a 2018

#### Ocorrências de uso relacionado aos policiais militares do Estado de São Paulo e também, ao perfil de eleitor.

(1) Relacionada ao policial militar. Datada de 07/08/2013 e localizada no caderno *Cidades*.

##### **Ato contra Alckimin fecha a Paulista.**

**Vigilância.** Durante todo o trajeto, o protesto foi acompanhado por 120 policiais militares – quase um para cada manifestante. Na Avenida Paulista, cerca de 30 viaturas faziam o bloqueio das pistas enquanto as pessoas conversavam e discutiam política na altura do vão livre do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Apesar das ironias, como uma manifestante que segurava uma **coxinha** para provocar os policiais, não houve confronto. Um oficial foi destacado para negociar com o grupo e, após elogiar a postura dos presentes e garantir que a PM vai apurar possíveis excessos cometidos por policiais em dias anteriores, convenceu-os a deixar a via.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20130807-43758-spo-15-cid-a15 -not/busca/coxinha>

(2) Eleitor: primeira aparição, relacionada à política, nas eleições de 2014. Datada de 27/10/2014 e localizada no *Caderno 2*.

##### **Ressaca pós-eleições**

Pensando no vazio deixado pelo fim das eleições e na necessidade constante de bloquear mais amigos nas redes, sugiro a imediata adoção de novos e acirrados bipartidarismos. A única condição é que havia intransigência e que o outro seja tachado de “burro”, “mal-intencionado” ou simplesmente “errado”.

Exemplos:

**Coxinha** vs. *empadinha*: os tempos não andam propícios para quem é do primeiro time – e com razão.

*Praia VS. campo*: Praia é coisa de **coxinha** que gosta de rúcula e mora no Jabaquara.

Repassem.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141027-44204-nac-37-cd2-c4 -not/busca/coxinha>

(3) Eleitor: “coxinha” agora relacionada aos eleitores que são explicitamente contrários ao PT (Partido dos Trabalhadores). Datada de 09/01/2015 e localizada no *Editorial*.

##### **Demissão nas montadoras**

Dica para os eleitores do PT: apertem o cinto, o emprego sumiu. Para os demitidos que votaram em Dilma: vão chorar na Cantareira. Assinado, **Coxinha**.

**Maria Carmen Del Bel Tunes**

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150109-44278-nac-3-edi-a3 -not/busca/coxinha>

(4) Eleitor: A aparição em reclamação contra o governo petista. Datada de 16/03/2015 e localizada no caderno *Opinião*.

**Boquinha x coxinha**

O povo está saturado da forma petista de governar. A incompetência do desempenho da função demonstrada pela presidente Dilma, os estragos na economia, a campanha eleitoral mentirosa, a falta de diálogo com a população tornaram possível ativar a oposição. A Operação Lava Jato deu a dimensão da boquinha a que o ex-governador Garotinho se referia e enojou a população. Petistas rotularam tudo e neste caso chamam opositores de **coxinhas**. Se ouvissem melhor, teriam ideia de que hoje opositores estão em todas as camadas sociais. Estão todos manifestando um basta a “tudo isso que tá aí”. Manifestantes aparelhados têm mesmo de lutar pela permanência de Dilma, para não perderem as boquinhas que conseguiram pelo partido.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150316-44344-spo-2-opi-a2 -not/busca/coxinha>

(5) Eleitor: Datada de 15/06/2015 e localizada no caderno *Metrópoles*.

Haddad chama crítico de “**coxinha**” no Twitter

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150615-44435-spo-11-mrt-a12-not/busca/coxinha>

(6) Eleitor: Datada de 16/06/2015 e localizada no caderno *Metrópoles*.

**Prefeito diz que expressão ‘coxinha’ não é pejorativa**

Um dia após usar o termo “**coxinha**” em uma rede social para se referir a um crítico das ciclovias, o prefeito Fernando Haddad (PT) disse que não há nada pejorativo na expressão. “Quando você faz política de boa-fé e com bom humor, você desanuvia o ambiente”, afirmou, durante evento público no Teatro Municipal, no centro de São Paulo, ontem.

Haddad atraiu a atenção na Internet anteontem, ao chamar uma pessoa que havia criticado o projeto das ciclovias de “**coxinha**” em seu perfil do Twitter. “Hoje fui ao excepcional Veloso Bar comer **coxinha** e um **coxinha** reclamou das ciclovias. Fiquei confuso”, escreveu na rede social. Ontem, o prefeito detalhou a conversa com o crítico; entretanto, minimizou o fato, afirmando que “(Foi uma) troca de ironias, mas muito tranquila e bem-humorada”.

Cercado por jornalistas, ontem, Haddad aproveitou para alfinetar a imprensa. “Já fui chamado de **coxinha** até por jornalista. Não vejo nada de pejorativo nisso. O próprio **Estadão** tratou na manchete os atuais manifestantes de **coxinhas**. Não acho que o **Estadão** ofendeu ninguém com isso”, disse, se referindo à reportagem *Em dois anos, manifestantes por tarifa zero dão lugar a ‘coxinhas’*, publicada ontem.

Em fevereiro, o prefeito já havia criticado pelo Twitter os opositores a um grafite criado pelo artista plástico Rafael Hayashi, de 29 anos. O painel retratava um africano. Para alguns, entretanto, o desenho lembrava o ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150615-44435-spo-11-mrt-a12-not/busca/coxinha>

(7) Eleitor: Datada de 21/06/2015 e localizada no caderno *Aliás*.

“Hoje fui ao Veloso comer **coxinha** e um **coxinha** reclamou das ciclovias. Fiquei confuso”.  
Fala do prefeito Haddad.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150621-44441-spo-106-ali-e4-not/busca/coxinha>

(8) Eleitor: Datada de 03/09/2015 e localizada no *Caderno 2*.

Segundo Império, de Louis-Napoleon, sobrinho **coxinha** do Napoleão de verdade, quando trabalhadores botaram a correr o rei e a nobreza e ocuparam a capital da França.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150903-44515-nac-47-cd2-c8-not/busca/coxinha>

(9) Eleitor: Datada em 09/12/2015 e localizada no *Editorial*.

“Parece até piada o PT bater diuturnamente na ‘zelite’ **coxinha** e agora buscar apoio dela para não naufragar no mar de lama criado pelo próprio partido.

**Carlos Brasil**/Montes Claros (MG), sobre o desespero diante do impeachment

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/2015-44612-nac-3-edi-a3-not/busca/coxinha>

(10) Eleitor: Datada em 11/01/2016 e localizada no caderno *Política*.

Enquanto o círculo vicioso da economia gira, o pêndulo da política oscila de igualitários, de socialistas a liberais – até virar bate-boca no qual o único argumento é chamar o rival de petralha ou **coxinha**.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160111-44645-nac-6-pol-a6-not/busca/coxinha>

(11) Eleitor: Datada de 06/02/2016 e localizada no caderno *Opinião*.

O Lula poderia tranquilamente ter comprado não só um sítio no interior, mas também um apartamento na praia, com seus rendimentos e com o faturado com as palestras que ele poderia ter proferido legitimamente como ex-presidente do Brasil. Mas se Lula tivesse comprado o apartamento e o sítio, pago pontualmente o IPTU e o condomínio desses imóveis, Lula seria um burguês, um **coxinha**. Pior ainda, Lula seria um legítimo classe média. E isso ele jamais poderia tolerar em seu currículo.

**Mario Barilá Filho**

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160206-44671-nac-2-opi-a2-not/busca/coxinha>

(12) Eleitor: Datada de 20/02/2016 e localizada no *Caderno 2*.

“A obra de Caio é cada vez mais atual e relevante, sobretudo em época tão careta, **coxinha** e homofóbica.”

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160220-44685-nac-44-cd2-c3-not/busca/coxinha>

(13) Eleitor: Datada de 27/03/2016 e localizada no caderno *Política*.

### **QUE POLÍTICA AS CRIANÇAS ESTÃO APRENDENDO?**

**Com a radicalização do debate, educadores apontam caminhos para tentar evitar que os pequenos tenham uma visão distorcida da democracia.**

Hora do recreio. A meninada entre 8 e 12 anos está no pátio. A maioria traz lanche de casa, coisas básicas como misto frio, suco de laranja e ... “**Coxinha, coxinha**, meu pai disse que você é um **coxinha**”, aponta um garoto de 10 anos para outro coleguinha. Logo, as professoras intervêm, pedem calma à turma. Tarde demais. O coro de **coxinha** fez o menino chorar.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160327-44721-spo-6-pol-a6-not/busca/coxinha>

(14) Eleitor: Datada de 29/03/2016 e localizada no *Caderno 2*.

Entrevistei a Dilma, me chamaram de petista; entrevistei Fernando Henrique, virei PSDB. Então virei coxista, mistura de **coxinha** com petista” **Jô Soares** ao abrir o último ano de seu programa, segunda, 28

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160329-44723-spo-68-cd2-c6-not/busca/coxinha>

(15) Eleitor: Glossário sobre novos termos políticos. Datado de 03/04/2016 e localizado no caderno *Política*.

### **NAS RUAS, O DEBATE POLÍTICO FAST-FOOD**

**Para cientista político, neopolitizados repetem senso comum e não constroem cultura e política**

#### **O dicionário das manifestações**

**Coxinha**- Delicioso salgadinho que pode vir com ou sem catupiry. Ou ainda: apelido pejorativo dado aos apoiadores do impeachment. Eleitores de Aécio também são tratados pela alcunha alimentícia.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160403-44728-nac-10-pol-a10-not/busca/coxinha>

(16) Eleitor: Datado de 18/04/2016 e localizado no caderno *Política*.

### **O FLA-FLU POLÍTICO NO NHOQUE DE DOMINGO**

#### **Discurso em favor e contrário ao impeachment invade almoço de família e opõe jovens irmãos**

Pronto, o armistício entre os irmãos foi quebrado. Álvaro e Bruna, deliberadamente, têm evitado tocar no assunto. Desde a última eleição, o tema é quase proibido entre eles. Os dois já tiveram bate-bocas acirrados, já ficaram semanas sem se olharem na cara, já trocaram acusações que vão da **coxinha** à mortadela (para ficar nos pratos mais leves). “Meu irmão é fã do Bolsonaro”, comenta Bruna – que é fotógrafa, escritora e de esquerda. “Eu acho o Bolsonaro um dos poucos políticos mais interessantes e sérios do Congresso. Gosto dos filhos dele também”, confirma Álvaro.

#### **Coxinha x mortadela:**

**“Acho o Bolsonaro um dos poucos políticos mais interessantes e sérios do Congresso”**

**Álvaro Ramos**

Pró-Impeachment

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160418-44743-spo-24-pol-a25 -not/busca/coxinha>

(17) Eleitor: Datada de 24/04/2016 e localizada no Caderno 2. Crônica de Fabio Porchat.

Manifestante de esquerda: **Coxinha!**

Manifestante de direita: Petralha!

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160424-44749-nac-31-cd2-c4-not/busca/coxinha>

(18) Eleitor & Iguaria. Datado de 02/08/2016 e localizada no caderno *Economia*.

### **Brasil para turistas**

Em relação à crise, temos duas possibilidades. A mais fácil é responsabilizar a crise internacional, a queda de preços das commodities e o erro de entregar a gestão econômica para os neoliberais de Joaquim Levy em 2015...

Mas pode dizer que somos brasileiros, que não desistimos nunca e que logo voltaremos para reconquistar nosso lugar entre os grandes.

E sugira que não deixem de conhecer os botecos do Rio, onde podem comer o tradicional pastel, um sanduíche de mortadela e uma boa **coxinha** frita. Mas não tente lhes explicar sobre **coxinhas** e mortadelas.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160802-44849-spo-17-eco-b2 -not/busca/coxinha>



(19) Eleitor: Apresentações do futuro candidato à prefeitura de São Paulo, João Dória assumindo ser “coxinha” como plataforma política. A ocorrência está datada de 14/08/2016 e se localiza no caderno *Política*.

#### **JÁ TEVE COXINHA, METRÔ E PIKACHU NA PRÉ-CAMPANHA**

**Período eleitoral só começa oficialmente na terça-feira, mas concorrentes à prefeitura já se mostram ao eleitor; Russomano não quis melindrar o ST**

**Coxinha.** Enquanto Russomano se resguardava, o empresário João Doria adotou estratégia oposta para se tornar conhecido. Mais rico entre os candidatos - ele declarou à Justiça Eleitoral bens com valor total de R\$179,7 milhões -, o tucano gastou dinheiro do próprio bolso para montar uma grande estrutura de pré-campanha.

#### **Eleições 2016**

O empresário João Doria (PSDB) já comeu **coxinha** e andou de metrô, a senadora Marta Suplicy (PMDB) já dançou com um boneco Pikachu, o prefeito Fernando Haddad (PT) deixou o gabinete e foi à periferia para participar de “rodas de conversa” e eventos ao lado do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a deputada Luíza Erundina (PSOL) fez passeatas pedindo para participar dos debates na TV.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160814-44861-nac-8-pol-a8-not/busca/coxinha>

(20) Eleitor: Datado de 29/09/2016 e localizada no caderno *Política*.

#### **EX-COXINHA**

#### **Traição de campanha**

Doria come pão com mortadela em evento da Força Sindical e cria mal-estar com meninos do MBL.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160929-44907-nac-8-pol-a8-not/busca/COXINHA>

(21) Eleitor: Datado de 03/10/2016 e localizado no caderno *Política*.

#### **O fim do picolé de Chuchu**

Alckmin tirou João Doria Jr. literalmente do bolso do colete. Não faltaram vozes no interior da sigla a profetizar que ele ficara maluco, que estaria agindo “com o fígado”, disposto apenas a tratorar internamente aliados de José Serra e Fernando Henrique Cardoso, que estaria “jogando fora” a vitória que o partido colheu em 2014 com um político desconhecido e difícil de emplacar na periferia, “um **coxinha**”.

Nunca tantas teses caíram por terra de uma vez só. Doria venceu em praticamente todas as regiões da cidade, com base num marketing que enfatizava justamente o fato de não ser político. Numa eleição em que Fernando Haddad escondeu Lula na TV e Marta Suplicy parecia nem ser do mesmo partido do presidente Michel Temer, Doria levou o padrinho à TV e à rua, defendeu Alckmin nos debates e prometeu aliança com o governo do Estado.

Já na reta final, quando o **coxinha** já era mais visto na cidade como o “João trabalhador” do jingle de campanha, os tucanos históricos que antes lhe torciam o nariz tentaram surfar a onda Alckmista. FHC gravou uma mensagem protocolar, genérica, mas outros, como o presidente nacional do partido, Aécio Neves, foram mais efusivos.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20161003-44911-spo-6-pol-a6-not/busca/coxinha>

(22) Eleitor: Datado de 14/10/2016 e localizado no *Caderno 2*.

No ginásio e científico, em Araraquara, a hora do recreio estabelecia as classes sociais. Os **coxinhas** (a palavra significava mesmo coxinha de galinha), iam direto ao misto quente...

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20161014-44922-spo-39-cd2-c8-not/busca/coxinha>

(23) Eleitor: Datado de 31/10/2016 e localizado no caderno *Política*.

**Nem **coxinha** nem mortadela**

**‘O NEGÓCIO AGORA É QUIBE’, DIZ ELEITO**

**Alexandre Kalil tem ascendência sírio-libanesa**

Após saber de sua vitória na disputa à prefeitura de Belo Horizonte, o empresário Alexandre Kalil (PHS) usou do humor que lhe é peculiar para provocar os derrotados.

“Acabou **coxinha**, acabou mortadela. O negócio agora é quibe”, afirmou ele, em referência aos produtos associados, primeiro aos tucanos e, segundo, aos petistas. Kalil tem ascendência sírio-libanesa.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20161031-44939-spo-12-pol-a12-not/busca/coxinha>

(24) Policial militar: Datado de 07/01/2017 e localizado no caderno *Metrópole*.

“Eu sou meio **coxinha** sobre isso. Sou filho de polícia, né ?”

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20170107-45007-spo-12-mrt-a12-not/busca/coxinha>

(25) Eleitor: Datado de 19/02/2017 e localizado no caderno *Política*.

**Crítico: “Neste ano, a conjuntura política tem oferecido muito material. Não tem como não ser crítico. O carnaval é a nossa hora da desforra”.**

O atual clima de embate político tem tingido o carnaval deste ano com mau humor. “As pessoas enxergam preferências políticas nas letras das marchinhas. Os comentários são muito agressivos. É do tipo “tem que morrer”, “tem que matar” e outros absurdos”, acredita o compositor Velloso. A impressão também é compartilhada pelo autor da marchinha mais cantada no carnaval passado, *Japonês da Federal*, o advogado Thiago Vasconcelos. “Muita gente achava que a marchinha era de direita, de **coxinha**. Aí ficou uma coisa inserida nesse Fla-Flu político”, lamenta.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20170219-45050-spo-10-pol-a10-not/busca/coxinha>

(26) Eleitor: Datado de 20/05/2017 e localizado no *Caderno 2*.

“...seguido pelo candidato de esquerda, deixando em último o candidato considerado como **coxinha**, o que de fato, foi diplomado prefeito da cidade ...”

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20170520-45140-nac-42-cd2-c6-not/busca/coxinha>

(27) Eleitor: Datado de 01/08/2017 e localizado no *Caderno 2*. Crônica de Leandro Karnal.

“Para alguns, eu serei petralha ou **coxinha**, ateu irritante ou estudioso das religiões dedicado, fascista ou comunista exatamente pela mesma frase”.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20170801-45213-spo-30-cd2-c3-not/busca/coxinha>

(28) Eleitor: Datado de 17/11/2017 e localizado no caderno *Política*.

#### **O PMDB entrou na disputa pelo Ministério das Cidades.**

>> **Coxinha** versus ...As inserções partidárias do PMDB foram alvo de críticas de peemedebistas no grupo de WhatsApp da legenda minutos depois de divulgados.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20171117-45321-nac-4-pol-a4-not/busca/coxinha>

(29) Eleitor: Datado de 03/12/2017 e localizado no caderno *Aliás*.

#### **Psicanálise**

Precisamos então, não decidir o que queremos, e sim reagir ao que os outros querem. Daí pensamos em como reagir com o petralha ou **coxinha**, o imigrante, o isentão...voltamos ao bode expiatório da tragédia grega. Vou bloquear a pessoa no Face, silenciar no Twitter, transformar o adversário em inimigo. O adversário não merece ter uma opinião contrária. Portanto, pode ser destruído.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20171203-45337-nac-75-ali-e4-not/busca/coxinha>

(30) Eleitor: Datado de 29/08/2018 e localizado no *Caderno 2*.

#### **Escolhendo um candidato**

##### **Leandro Karnal**

Acredito na liberdade individual e também em um Estado menor no setor burocrático e muito maior no setor da saúde e educação. Odeio ditaduras em Cuba ou no Brasil. Abomino Maduro e Pinochet. Serei petralha ou **coxinha**! Eu sempre me considerei um humanista, mas a democracia permite que você crie seu julgamento e etiqueta.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20180829-45606-nac-37-cd2-c7-not/busca/coxinha>